

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA

FLADIANE NUNES TEIXEIRA

**O VENCATO A PARTIR DA MEMÓRIA DE SEUS MORADORES: DO
LOTEAMENTO A CONSTRUÇÃO DO BAIRRO**

**Jaguarão
2015**

FLADIANE NUNES TEIXEIRA

**O VENCATO A PARTIR DA MEMÓRIA DE SEUS MORADORES: DO
LOTEAMENTO A CONSTRUÇÃO DO BAIRRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História-Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título de Licenciado em História.

Orientador: Prof. Dr. Caiuá Cardoso Al-Alam

**Jaguarão
2015**

FLADIANE NUNES TEIXEIRA

**O VENCATO A PARTIR DA MEMÓRIA DE SEUS MORADORES: DO
LOTEAMENTO A CONSTRUÇÃO DO BAIRRO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de História-Licenciatura da Universidade Federal do Pampa, como requisito parcial para obtenção do Título em Licenciado em História.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: .

Banca examinadora:

Prof. Dr. Caiuá Cardoso Al-Alam
Orientador
(UNIPAMPA)

Prof^a. Dra. Leticia de Faria Ferreira
(UNIPAMPA)

Especialista. Lucas Antônio Morates
Museólogo (UNIPAMPA)

Dedico este trabalho à estrela mais brilhante do céu, que ilumina e guia meus passos e ao meu pai Fladimir, pelo exemplo de vida que me deram a seguir.

AGRADECIMENTO

Sei que o agradecimento é algo clichê, porém julgo essencial, pois, sozinha não sou nada. E esta é a oportunidade de agradecer á todos, por tudo. Sei que isso deveria ser feito cotidianamente, porém, com os contratempos do dia-a-dia termino por esquecer da importância de sempre fazê-los. Primeiramente gostaria de agradecer Deus, pela vida e por todos os obstáculos que me destes, os quais, me fizeram amadurecer e ser a pessoa que sou.

Agradeço à minha mãe Ilza (in memoriam) por todo exemplo de pessoa e aprendizado. Agradeço por sempre iluminar e guiar meu caminho, na certeza de que um dia nos reencontraremos para aquele tão saudoso abraço.

Agradeço ao meu pai Fladimir, por todo amor e dedicação, por ser essa pessoa essencial em minha vida. Faltam-me palavras para expressar todo meu amor e gratidão, que sinto por ti.

À minha avó Maria, por todo amor e carinho, por ser minha conselheira e por ser essa joia rara em minha vida.

Ao meu irmão Bruno, por toda cumplicidade, companheirismo e união existente entre nós. Por estar sempre compartilhando de todos os momentos comigo.

Ao meu irmão Everton, por toda carinho e incentivo, que mesmo de longe, sempre se faz presente em minha vida.

Agradeço ao meu companheiro Rodrigo, por todo amor, carinho e dedicação, por sempre se fazer presente, e ser esta pessoa tão especial em minha vida.

Agradeço as amizades que construí ao longo destes anos e que l , Izadora, Darlize, Carol e Marselle. Em especial a minha amiga e companheira de longa data Katarine, minha companheira de trabalhos. Com toda certeza, nossa amizade é para toda vida e além dela.

Agradeço a todos os professores do curso, em especial ao meu orientador Prof. Caiuá, por ter sido paciente, por ter me guiado nesta caminhada e pelos conhecimentos transmitidos.

Agradeço carinhosamente aos moradores do bairro Vencato, que me receberam em suas casas com todo carinho e contribuíram para que se pudesse registrar a história deste.

Enfim, agradeço a todas as demais pessoas que fazem parte de minha vida e que de alguma forma contribuíram para que essa etapa de concluísse.

Obrigada.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo construir e registrar a história do bairro Vencato, situado na cidade de Jaguarão, Rio Grande do Sul, desde o surgimento do loteamento, em 1973 até o ano de 1995, quando é implantado o posto de saúde neste. A partir, desta delimitação, pretende-se entender o processo de formação do bairro e sua trajetória, desde os procedimentos de loteamento, quem foram os primeiros moradores, como era o bairro inicialmente, como foram chegando às diversas infraestruturas e as mobilizações da comunidade para que estas chegassem Utilizando-me da História Oral como uma metodologia, assim como, de diferentes fontes documentais que propiciaram uma melhor percepção sobre este, onde busco analisar estes pontos sob a perspectiva dos moradores, pretendendo enfatizar alguns elementos que compõem a memória coletiva do bairro.

Palavras-Chave: Bairro Vencato. Trajetória. Jaguarão.

RESUMEM

Este trabajo tiene el objetivo de construir y hacer el registro de la historia del barrio Vencato, localizado en la ciudad de Yaguarón, Rio Grande del Sur, desde su surgimiento, en 1973, hasta el año de 1995, cuando es desplegado el puesto de salud en esto. Dentro de esta demilitación, la intención es, entender el proceso de la formación del barrio e su trayectoria, desde los procedimientos de loteamiento, quien fuera los primeros residentes, como este era inicialmente, como fueran llegando las varias infraestructuras e las mobilizaciones de la comunidad para que estos llegasen. Para eso, me utilice de la Historia Oral como una metodología, así como, de diferentes fuentes documentales que propiciaron una mejor percepción sobre este, donde la intención es la analizar estos puntos sobre la percepción de los residentes, quiero destacar algunos elementos que redacta la memoria colectiva del barrio.

Palabras clave: Barrio Vencato. Trayectoria. Yaguarón.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Fotografia da vista aérea do bairro Vencato	19
Figura 2 - Mapa de setorização de Jaguarão.....	22
Figura 3 - Planta do Loteamento do bairro Vencato	26
Figura 4 – Escola de Ensino Infantil Pato Donald	33
Figura 5- Retrato de D. Neneca	36
Figura 6 - Centro Comunitário da Zona “C”	39
Figura 7 - Bandeira do Centro Comunitário da Zona “C”	42
Figura 8 - Antiga escola Dr. Fernando Corrêa Ribas	47
Figura 9 - Escola Dr. Fernando Corrêa Ribas	48
Figura 10 – Posto de Saúde Dr. Carlos Olavo Corrêa Chaves	49

LISTA DE ABREVEATURAS

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas

COHAB - Companhia de Habitação

FGTS - Fundo de Garantia por Tempo de Serviço

E.M.E.I. - Escola Municipal de Educação Infantil

I H G J – Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão

SEAC - Secretaria de Especial de Ação Comunitária

LBA- Legião Brasileira de Assistência

E.M.E.F. - Escola Municipal de Ensino Fundamental

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1.PARA ALÉM DO ESTIGMA: O TERRITÓRIO ANTERIOR AO LOTEAMENTO	18
1.1 Da Chácara do Galo ao bairro Vencato	24
2.“ME LEMBRO QUE NÃO ERA POVOADO COMO HOJE, ERA TUDO CAMPO”: DO LOTEAMENTO À FORMAÇÃO DO BAIRRO	29
2.1 Um bairro em construção: a visão dos moradores	31
2.2 “Aos poucos foi se formando, o povo foi crendo naquilo, comprando, vendo que tem futuro no lugar”: o protagonismo da comunidade.....	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
REFERÊNCIAS	56

INTRODUÇÃO

Este trabalho refere-se ao bairro Vencato, localizado na cidade de Jaguarão, Rio Grande do Sul. Meu objetivo com este é construir e registrar a história do bairro, desde seu surgimento até a implantação do posto de saúde neste. Para isso tenho como ponto de delimitação os anos que se seguem entre 1973 à 1995, ano em que o loteamento surgiu e ano em que foi implantado o posto de saúde, escolhi este, pois, foi o último elemento estrutural que chegou ao bairro. Dentro deste recorte, busca-se entender o processo de formação do bairro e sua trajetória, desde os procedimentos de loteamento, quem foram os primeiros moradores, como era o bairro inicialmente, como foram instalando-se as diversas infraestruturas e as mobilizações da comunidade para que estas viessem. Estes pontos foram analisados sob a perspectiva dos moradores, onde busco enfatizar alguns elementos que compõem a memória coletiva do bairro.

Para o desenvolvimento deste TCC, utilizei fontes que me dessem subsídios para minhas inquietações e que pudesse acompanhar o crescimento do bairro. Para isso, realizei uma pesquisa de campo baseada em entrevistas com moradores do bairro. Ainda procurei realizar uma investigação documental nos arquivos da cidade, como a documentação existente na Câmara de Vereadores, onde pude analisar as Atas da Câmara Municipal de Vereadores de Jaguarão para conseguir mapear os pedidos e as reivindicações da comunidade do bairro; utilizei também os arquivos do Centro Comunitário da Zona “C” do bairro Vencato, podendo explorar as Atas do Centro Comunitário Zona “C”, assim acompanhando o desenvolvimento deste; e por fim, analisei o acervo de periódicos da Biblioteca Pública Municipal de Jaguarão, examinando os exemplares do Jornal A Folha. Todos os acervos documentais que foram analisados ao longo desta pesquisa, referem-se ao período que compreende o recorte temporal. Através da metodologia da História Oral, com as entrevistas, pretendia conhecer de uma forma mais ampla a história e a memória do bairro, vista por diferentes percepções, por pessoas que acompanharam o surgimento e o crescimento do bairro e tem muito a nos contar.

A escolha por este tema do bairro Vencato, surgiu quando tive a oportunidade de participar do Pibid-História¹, atuando na Escola Municipal de Ensino Fundamental Fernando Corrêa Ribas, localizada no bairro. E neste espaço, realizou-se uma oficina sobre História

¹ Pibid-História, subprojeto enfoque no “Uso de fontes no ensino de História”. Projeto desenvolvido em duas escolas municipais da cidade de Jaguarão. Tendo como objetivo o trabalho com diferentes fontes nas aulas de história. Inicialmente era coordenado pela Prof.^a Hilda Jaqueline de Fraga e posteriormente, pelo Prof. Guinter Tlajja Leipnitz.

Oral, para esta, convidamos uma moradora do bairro e uma das primeiras professoras da escola para conversar com os alunos e falar sobre o bairro e a escola. Nesta conversa surgiram várias histórias, sobre o início do bairro que eu mesma como moradora local desconhecia, fazendo assim com que me interessasse por saber mais sobre a trajetória do bairro. Lembro que D. Paulina, relatou aos alunos sobre a antiga Rua do Cordão², relembrou algumas histórias sobre o tanque das lavadeiras e contou como era o bairro inicialmente. Já na narrativa da Prof.^a Joana, apareceram elementos mais vinculados a escola, como por exemplo, onde e como era o antigo prédio desta, me recordo que para chamar a atenção dos alunos, ela iniciou a contar histórias de irmãos, tios, enfim de familiares destes que haviam estudado na instituição.³

O problema inicial desta pesquisa seria o surgimento e a trajetória do bairro, tendo como cerne desta, o Centro Comunitário. Onde até então, acreditava que este teria sido criado pelos moradores, assim analisaria as mobilizações populares em torno deste, bem como almejava caracterizar os traços identitários do bairro. Porém quando iniciei a me aventurar, propriamente no campo de pesquisa, descobri, que este teria sido concebido pela iniciativa da prefeitura e não dos moradores, fazendo assim com que minhas indagações mudassem.

Confesso que isso, por várias vezes, me deixou receosa e até um tanto confusa em relação ao o que estaria fazendo, ou melhor, o que almejava com este TCC. Então passei a me questionar, quem eram as pessoas do bairro Vencato; quais suas ligações com este; o que elas fizeram para ajudar nas melhorias; como eles enxergam o local onde vivem, entre outras inquietações. Quando fui para campo, encontrei diversas dificuldades, não consegui ter acesso a alguns documentos e informações que pretendia utilizar, falhei nas primeiras entrevistas, até que percebi que o diário de campo, ia ser mais compensatório. Em meio aos diversos contratemplos, principalmente o de não encontrar pessoas dispostas a falar, fui me apaixonando, me empolgando, querendo saber mais e mais. Por vezes, parecia que não estava falando com pessoas do mesmo bairro, pois cada morador tinha um olhar diferente, com diferentes detalhes, um mais rico do que o outro. Sabia desde o princípio, que lembrar o passado, não seria uma tarefa fácil, porém o desejo de registrar a história do bairro, a partir do olhar dos moradores fazia com que superasse todos os obstáculos. E foi assim em meio aos meus anseios que este TCC foi nascendo.

No primeiro capítulo, abordo o território onde está localizado o bairro Vencato e a forma como este surgiu. Este, nasceu a partir, de uma iniciativa privada, que supostamente

² Atual rua Barbosa Neto, um antigo território negro da cidade.

³ Ao longo desta pesquisa, realizamos uma entrevista com D. Paulina, e diário de campo com a Prof. Joana.

visava gerar lucros ao Sr. Frederico Vencato, que possuía uma extensão de terras, chamada “Chácara do Galo”, vindo a fazer um loteamento de uma parte desta. Procurei neste capítulo, fazer um breve relato sobre a contextualização de Jaguarão na década de setenta e o nascimento deste loteamento. Busquei também, equiparar a história do bairro Vencato ao do bairro Cerro da Pólvora, também localizado na cidade de Jaguarão, em um período semelhante.

No segundo capítulo, analisei os primórdios do loteamento, e o processo em que foram chegando às diversas infraestruturas no bairro. Procurei narrar a maneira que cada uma foi conquistada pelos moradores, a partir do olhar da comunidade. Como trabalhei a partir dos relatos dos moradores, achei pertinente abordar sobre memória, e neste capítulo visou caracterizar os elementos que compõem a memória coletiva do bairro.

Os dois capítulos trazem relatos orais da comunidade, onde para isso ocorreram entrevistas, diários de campo e conversas informais, sendo assim, ao total tive contato com aproximadamente uns trinta moradores do bairro. Inicialmente o contato com os estes, foi um pouco custoso, tive diversos contratemplos, bem como, encontrei moradores receosos para falar. Gostaria de ter tido contato com mais pessoas, porém em função do tempo, não consegui. O trabalho de campo, ocorreu durante um mês e meio e foi dificultoso, percorri as ruas do bairro, por diversas vezes ao dia, em busca de pessoas dispostas a conversar. Em quase todos os casos, fui até a casa dos entrevistados, mais de uma vez, onde os contatos foram receptivos, em grande parte, por ser uma cidade pequena, um bairro pequeno, todos se conhecem ou pelo menos ao menos sabem, quem são. Para a realização das entrevistas, preparei um roteiro básico com questões mais estruturais sobre este, como há quantos anos você mora no bairro; quando você chegou; como era o bairro; você lembra como foi a chegada das infraestruturas no bairro; qual o seu envolvimento com o bairro e a participação da comunidade em geral; e ía adaptando este roteiro conforme o entrevistado. A seguir, caracterizo brevemente as principais pessoas que aparecem ao longo do texto.

S. Caraciollo, tem aproximadamente 90 anos, é morador do prolongamento do bairro⁴, há 57 anos. Este senhor, foi um dos fundadores do Centro Comunitário, atuando desde a abertura para os alicerces até a construção do Estatuto Social do Centro, e em sua narrativa, aparecem relatos mais específicos sobre este.

⁴ Inicialmente o loteamento era conhecido como Vila Vencato, com o passar do tempo, a prefeitura passou a chamar de bairro Vencato, e prolongou as delimitações deste. Permanecendo assim até os dias atuais, hoje o bairro compreende desde o loteamento até a Rua Uruguai. Estas delimitações, serão explanadas ao longo do primeiro capítulo. Sobre o motivo da mudança de nomenclatura por parte da prefeitura, não conseguimos ter acesso a este tipo de documentação.

D. Adélia, tem aproximadamente 70 anos, é filha do Sr. Frederico Vencato, e até os dias atuais mora na “Chácara do Galo”. Ela relatou um pouco sobre a vinda da família para Jaguarão, algumas histórias sobre a chácara e como se deu o processo de loteamento do mesmo.

D. Paulina, tem aproximadamente 80 anos, é moradora do prolongamento do bairro, onde nasceu e vive até os dias atuais. Em sua narrativa, apareceram elementos, como a antiga Rua do Cordão e a Comunidade São Vicente de Paulo.

D. Tatí, tem aproximadamente 70 anos, é moradora do prolongamento do bairro há 60 anos, seu relato é mais voltado ao Centro de Recreação Vovó Neneca, onde trabalhou durante muito tempo.

D. Santa, tem aproximadamente 60 anos, é moradora do bairro há 31 anos, suas recordações trazem elementos de como era o bairro na época em que esta se mudou, bem como sobre o protagonismo da comunidade para conseguir melhorias para o bairro.

S. Orocildo, tem aproximadamente 70 anos, é morador do bairro há 41 anos, e suas narrativas nos trazem elementos sobre o início do bairro.

Como pode se constatar, para a realização desta pesquisa, me empreendi a buscar pelos moradores mais antigos do bairro, não necessariamente, os mais velhos, porém, os que a mais tempo residiam por ali, que muitas vezes, acabaram sendo os mais velhos. Conforme Bosi (1994) a velhice, “É o momento de desempenhar a alta função da lembrança. Não porque as sensações se enfraquecem, mas porque o interesse se desloca, as reflexões seguem outra linha e se dobram sobre a quintessência do vivido.”⁵ Sobre narrar, a autora, expressa que, “A arte de narrar não está confinada nos livros, seu veio épico é oral. O narrador tira o que narra da própria experiência e a transforma em experiência dos que o escutam.”⁶ E foi em meio, a suas lembranças individuais, que acabaram se tornando elementos característicos de uma memória coletiva, que esses moradores narraram suas histórias pessoais, transpassadas com a do bairro.

Para esta pesquisa como já foi exposto, empreguei a História Oral como uma metodologia. Segundo Alberti (2010) é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes para o estudo da história contemporânea, surgida no século XX. Fundamenta-se na elaboração de entrevistas gravadas com pessoas que participaram e/ ou testemunharam acontecimentos e conjunturas do passado e do presente. Para Meihy e Holanda (2010) como

⁵ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembrança dos velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 81.

⁶ Ibid. p. 85.

metodologia, a função da História Oral, seria formular um roteiro, como ponto central da pesquisa, onde “[...] tudo giraria em torno delas, que atuariam como força centrífuga das preocupações.”⁷ Portanto, realizei entrevistas com os moradores do bairro, onde suas narrativas, forneceram os subsídios para este trabalho, sendo seus relatos o cerne de pesquisa. Conforme Alberti (2005) de acordo com a proposta de pesquisa, pode se escolher entre os dois tipos de entrevista realizáveis, as entrevistas temáticas ou as entrevistas de história de vida. Seguindo minha proposta, me utilizei de entrevistas temáticas, “[...] que são aquelas que versam prioritariamente sobre a participação do entrevistado no tema escolhido.”⁸

Para a autora supramencionada, a História Oral “[...] é hoje um caminho interessante para se conhecer e registrar múltiplas possibilidades que se manifestam e dão sentido a formas de vida e escolhas de diferentes grupos sociais, em todas as camadas da sociedade”⁹. Isto foi constatado ao longo da pesquisa, pois, obtive diversas narrativas que demonstraram, diferentes olhares sob o mesmo fato, evidenciando as diversificadas formas que a comunidade enxerga o bairro. Sobre as narrativas, Flach (2013) afirma que estas “[...] fazem parte da história da humanidade, inclusive como processo de constituição de identidade.”¹⁰ Considerando a complexidade das narrativas, a autora descreve que “São complexas não só por se estarem por toda parte, mas também por se constituírem de muitas formas e, principalmente, de funções diversas.”¹¹

Ao trabalhar com a História Oral voltada para a história de bairros, e a utilização das entrevistas com os moradores deste, não se pode deixar de pensar no papel da memória. No princípio, grande parte das críticas sobre a História Oral, diziam respeito às distorções da memória, deixando os relatos cheios de subjetividade. Hoje em dia a análise destas distorções pode levar a um melhor entendimento dos valores coletivos e ações de um grupo. Segundo Alberti (2010), “A memória é essencial a um grupo porque esta atrelada à construção de sua identidade. Ela é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência- isto é, de identidade”¹². Segundo Meihy e Holanda (2010), o que se chama “[...] “coletivo” em história oral é o

⁷ MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: ed. Contexto, 2010, p. 72.

⁸ ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2005, p.37.

⁹ ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla. (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010, p. 155.

¹⁰ FLACH, Alessandra Bittencourt. *Vozes da memória : o contador de histórias em narrativas orais urbanas*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. p .60.

¹¹ Ibid. Pg.60

¹² ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla. (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010, 167.

resultado de experiências que vinculam umas pessoas às outras, segundo pressupostos articuladores de construção de identidades decorrentes de suas memórias expressadas em termos comunitários.”¹³ Portanto, o retorno que obtive com as entrevistas, foram as recordações dos moradores, que deram subsídios para mapear alguns elementos que compõe a memória coletiva, porém que não é unificada, da comunidade do bairro Vencato. Segundo esta autora, as recordações que se repetem durante as entrevistas, são uma marca singular do que caracteriza a memória coletiva, Ainda, conforme a autora supracitada, “ É exatamente por se equiparar histórias que tenham pontos comuns que se vale positivamente do recurso da história oral como forma de reorganizar os espaços políticos dos grupos que, sob nova interpretação, teriam força social.”¹⁴ É a partir, deste pressuposto, que me faço a alusão de uma memória coletiva, porém, não unificada.

Para Ansaldi (2002) “La memoria (mnemne) alude entonces aquello que permanece esencialmente ininterrompido o continuo y se diferencia no solo del ovido sino también de la amnesia o reminiscencia de lo que se olvidado.”¹⁵ A reminiscência não seria a memória em si, nem o esquecimento, ela seria uma espécie de recordação de um fato que aconteceu, mas que se esqueceu de alguns pontos interessantes. Para este autor, a amnistia, assim como a amnesia e o esquecimento, nos põe justamente em um ponto de tensão entre a memória e o esquecimento. Se refere, ao o quanto conservamos de uma e de outra, do que condenamos para esquecer e para lembrar, daquilo que guardamos das desgraças e o que esquecemos delas. O contraste existente “entre “la supresion (el olvido) y la conservación”, siendo la memoria necesaria y continuamente , uma “interação de ambos” . La memoria, es por cierto, una selección.”¹⁶ Maurice Halbwachs insinua não apenas a seletividade de toda memória, mas também um processo de "negociação" para conciliar memória coletiva e memórias individuais:

Para que nossa memória se beneficie da dos outros, não basta que eles nos tragam seus testemunhos: é preciso também que ela não tenha deixado de concordar com suas memórias e que haja suficientes pontos de contato entre ela e as outras para que

¹³ MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: ed. Contexto, 2010, p. 27.

¹⁴ Ibid. p.29.

¹⁵ ANSALDI, Waldo. *La memoria, el olvido y el poder*. In: Cidade e memória na globalização. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2002. p. 42.

¹⁶ Ibid. p 48.

a lembrança que os outros nos trazem possa ser reconstruída sobre uma base comum.¹⁷

Esta pesquisa esta inserida no campo da História Social, que se caracteriza por estudar pessoas comuns, dando voz aos agentes sociais, enquanto sujeitos históricos. Segundo Castro (1997), a história social, “[...] enquanto uma forma de abordagem que prioriza a experiência humana e os processos de diferenciação e individualização dos comportamentos e identidades coletivos - sociais- na explicação histórica.”¹⁸ Segundo Flach (2013) “[...] ao retomar história de bairro, retoma a própria história de vida, revisita suas memórias e desenvolve a percepção de que sua constituição como sujeito é indissociável de sua relação com o bairro.”¹⁹ Sendo assim, neste trabalho, utilizando –me da História Oral, juntamente com os pressupostos da História Social, visei registrar as memórias e as trajetórias dos moradores do bairro Vencato, pessoas comuns, que através de suas recordações, escreveram a história do bairro, entrelaçada, com suas histórias de vidas pessoais.

¹⁷ HALBWHACHS apud POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3,4.

¹⁸ CASTRO, Hebe. *História Social*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 54.

¹⁹ FLACH, Alessandra Bittencourt. *Vozes da memória: o contador de histórias em narrativas orais urbanas*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Tese (Doutorado). p. 38.

1. PARA ALÉM DO ESTIGMA: O TERRITÓRIO ANTERIOR AO LOTEAMENTO

Neste capítulo será abordado o espaço onde está localizado o bairro Vencato, bem como o surgimento do loteamento do Sr. Frederico Vencato que originou o nome deste. A cidade de Jaguarão antigamente era dividida em zonas. Com o passar do tempo, essas zonas, foram subdivididas em bairros, mais especificadamente em dezesseis bairros permanecendo assim até os dias atuais. Cada bairro possui sua história de surgimento e desenvolvimento, cada qual com suas particularidades. Com este trabalho visei registrar a trajetória do bairro Vencato. Para a construção deste, empreguei também a História Oral, onde através dos relatos dos moradores, consegui registrar a história deste.

O bairro surge, a partir do loteamento particular do senhor Frederico Vencato que supostamente visava gerar renda de sua grande extensão de terras da chamada “Chácara do Galo.” Atualmente o bairro não se delimita apenas ao loteamento do senhor Frederico, mas sim compreende na horizontal da rua Uruguai até a rua Carlos Alberto Ribas e na vertical das ruas 24 de maio até as margens do Rio Jaguarão. Então há de se pensar que hoje em dia, este é composto por diversos pequenos loteamentos, assim como, por outros espaços que já eram ocupados anteriormente, com diferentes histórias.

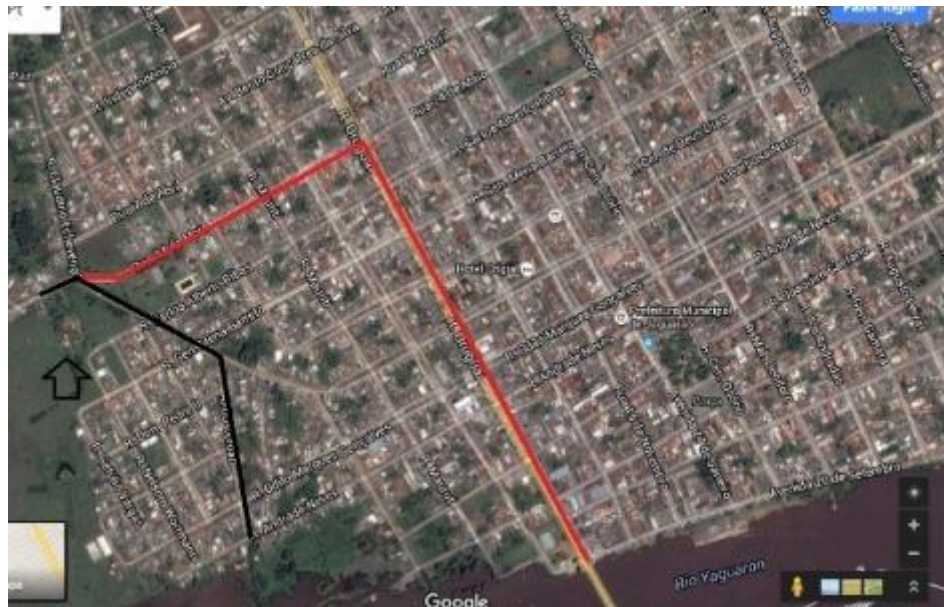


FIGURA 01- Vista aérea do bairro Vencato
Fonte: Google Maps (grifo nosso)

- Legenda:
- Delimitação atual do bairro Vencato.
 - Demarcação do loteamento do Sr. Frederico.
 - ↑ Chácara do Galo.

Um exemplo de trabalho acadêmico que registrou a trajetória de um bairro, é a do bairro Cerro da Pólvora, localizado também na cidade de Jaguarão, que posteriormente teve o deslocamento de alguns moradores para o bairro Kennedy. Segundo Rosa (2015), o trabalho referente ao bairro, busca analisar, como este se constituiu e sua trajetória, tendo seu recorte entre os anos de 1960 à 1970, onde narra quem eram os moradores que ali viviam, qual sua relação com a extração de basalto, bem como, qual o vínculo estabelecido entre a população local e a Enfermaria Militar. A população que ali residia, em sua grande maioria (homens, mulheres e crianças), sobreviviam da extração dos diques de basalto. O bairro nas margens das pedreiras, formou-se através de ocupações, e posteriormente de doações, feitas pelo Poder Público, estimulando o povoamento local, dando subsídios para isso. Também houveram outras formas de ocupação deste espaço, onde algumas pessoas residiam ali sem autorização e outros pagaram por seus terrenos. Uma comunidade formada por pessoas com baixo poder aquisitivo, em sua maioria, negros que eram invisibilizados, por muitas razões, dentre elas, por residirem no “final” do bairro, área de risco devido as explosões e geograficamente encobertos por rochas que dificultavam a visibilidade de um lado para outro. A partir de 1964, a história do Cerro da Pólvora se modifica, pois com o Golpe Militar e um novo contexto político, em busca de uma reorganização espacial de alguns bairros, em forma de incentivos imobiliários, o governo promove a remoção das famílias das áreas ditas em risco, como às margens das pedreiras, “afastando-as cada vez mais do centro com a ilusão de que estariam mais bem alocados”.²⁰ Porém, a real intenção, era fazer uma higienização do espaço social, realocando a comunidade estereotipada como “marginalizada” em um outro local, pois haviam interesses imobiliários naquela área.

Como se pode constatar, é uma trajetória distinta da do bairro Vencato, onde este nasce através de um loteamento privado e não de ocupações e doações por parte do Poder Público. Porém tendo os mesmos problemas iniciais de infraestruturas, pois neste, também prevaleciam a falta de estruturas e necessidades básicas para a população, como, escola, locais para recreação, posto de saúde e transporte.

Como já foi exposto anteriormente, o bairro Vencato não se delimita mais apenas ao loteamento do Sr. Frederico, então há de se pensar, nestas outras áreas que anteriormente já eram ocupadas. Bem como, há de se fazer um breve parecer do contexto da expansão

²⁰ ROSA, Alzemiro Gonçalves. A voz popular: *O Cerro da Pólvora nas décadas de 1960-1970 em Jaguarão-RS*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História-Licenciatura na Universidade Federal do Pampa, Jaguarão, 2015, p. 33.

urbanística de Jaguarão em meados da década de setenta, para que possamos melhor compreender a ocupação deste espaço.

Conforme o Censo Demográfico do IBGE, dos anos de 1970 a 1991²¹, a cidade de Jaguarão, nesse período, passou por um crescimento, aumentando sua população urbana e diminuindo a rural. Isto pode ter ocorrido, pois dentro da cidade, ao redor das áreas centrais, haviam grandes chácaras que eram consideradas de perímetro rural e não urbano. Com a expansão da cidade, por diversos motivos, estas chácaras acabaram sendo loteadas e se transformando em pequenas vilas, que eram consideradas periféricas, até mesmo anteriormente a este período. Conforme Martins (2001), “[...] pela documentação existente, observa-se que a partir do início do século XX, haverá um expressivo crescimento físico da cidade, em direção à periferia. A ocupação do espaço suburbano se dará sobre os terrenos destas chácaras mais próximas a cidade.”²² Este crescimento físico urbano, com a diminuição e o loteamento das chácaras do entorno das cidades, não ocorreu apenas no município de Jaguarão, como demonstra o relato de um morador da Lomba do Pinheiro²³, bairro do município de Porto Alegre. “Isso aqui era uma área de chacara, de plantações de verduras. Quando eu vim existiam chácaras ainda, na parte de cima aqui, [...], ainda existe a casa, agora lotearam o resto ali [...]. Mas tudo ia terminando, no momento em que chegassem as vilas.”²⁴ O fato narrado, é semelhante ao da Chácara do Galo, onde nesta também haviam plantações, que posteriormente se exterminaram, para dar lugar, inicialmente a pequena vila do Vencato.

A seguir, mapa com a setorização de Jaguarão utilizada por Martins (2001)²⁵:

²¹Censo Demográfico, dados do IBGE. Disponível em:

www.portalmunicipal.org.br/entidades/famurs/demografia/mu_dem_pop_urbana.asp?iIdEnt=5523&iLdMund=100143207 > Acessado em 10 de novembro de 2015, às 14:18 .

²² MARTINS, Roberto Duarte. *A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguay: a construção da cidade de Jaguarão*. Barcelona: Universidade Politècnica de Catalunya, 2001, pg. 207. Tese (Doutorado).

²³ A Lomba do Pinheiro, é um bairro localizado na zona leste da região de Porto Alegre, Rio Grande do Sul.

²⁴ FREIRE, Eduardo Duarte, etall. *Lomba do Pinheiro (Memória dos Bairros)*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, 2000. Pg.97.

²⁵MARTINS, Roberto Duarte. *A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguay: a construção da cidade de Jaguarão*. Barcelona: Universidade Politècnica de Catalunya, 2001, p. 242.

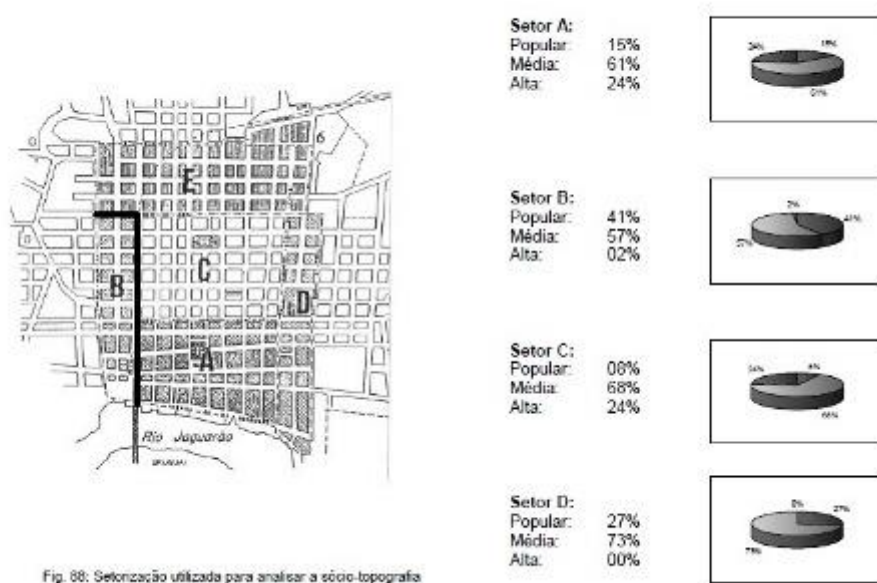


FIGURA 02- Mapa de Setorização de Jaguarão
Fonte: MARTINS, 2001, pg.242 (grifo nosso)

Legenda:

■ Demarcação do setor B.

Neste mapa, a área do atual bairro Vencato, é delimitada como setor B, compreendendo da Rua Uruguai para baixo. Segundo Martins (2001), a cidade estava crescendo ao norte da área dita central, pois ao sul, o desaguamento das águas do rio Jaguarão causavam inundações, gerando uma desvalorização econômica deste local. Sendo assim, os setores B e D, sofrem uma desvalorização econômica “[...] sendo ocupado pelas camadas mais pobres da população, ou por funções incompatíveis com as áreas mais valorizadas socialmente, ou então com atividades, como a prostituição, que, desde a metade do século 19 ocupa o mesmo setor da cidade.”²⁶ Estas atividades se caracterizam em zonas com baixa valorização econômica, chegando a ter, até a metade do século XX, uma rua denominada “Rua dos Prazeres.”²⁷ Acredito que esta rua, ficaria localizada no setor D da município, pois, questionei diversos moradores sobre esta, e todos a desconheciam ou afirmavam não conhecer para fugir do estigma deste lugar.

Isto pode ter ocorrido, pois, “[...] na segunda metade do século XIX, houve um crescimento intenso na cidade, onde diminuí os lotes centrais, que foram ocupados pelas famílias de alta renda, restando às periferias, que seriam ocupadas pelas famílias de menor

²⁶ Ibid. pg.243.

²⁷ Ibid. pg.243.

poder aquisitivo.”²⁸ Este setor também era assim visto pela população de outros bairros, pois segundo Sr. Dionísio²⁹, distanciando-se do centro da cidade, da rua Uruguai em diante, era conhecida como “baixada marginalizada”, lugar onde se encontravam diversos cabarés, uma zona de prostituição. Túlia³⁰, nascida e criada na antiga rua do cordão, nos relata, que da rua Uruguai para baixo, era conhecido como baixada, pelo fato de nesta localidade existir diversos cabarés e, desconhecia o termo “marginalizada”. Acredito que esse termo provenha das inúmeras brigas que se davam em torno dos cabarés, relatadas por Túlia³¹. Ela ainda relembra, que em sua mocidade, existiam ruas das quais, ela não poderia percorrer, pois moças “direitas” eram proibidas de transitar por estas. Todavia, os cabarés eram localizados nas travessas entre as ruas horizontais, sendo assim não poderiam circular em frente aos cabarés, acrescenta ainda, se lembrar que no período da Ditadura Militar, o exército estava sempre circulando por aquela região e a partir de um certo horário, se as pessoas estivessem nas ruas, eram recolhidas e detidas no Presídio de Jaguarão.

Em se tratando da expansão da cidade e de outras chácaras que haviam, Pedro Bartholomeu Ribeiro, “[...] diz que a cidade propriamente dita era em torno à praça, onde haviam depois as aldeias e subúrbios, entre outras tantas, destaca a chácara do galo, a rua do cordão e a chácara dos cerqueiras”³², duas das chácaras que foram loteadas e hoje formam o bairro. Sobre a rua do Cordão, D. Paulina³³:

Quando nasci aqui não era Vencato, aqui era antiga rua do cordão, só que hoje ela se chama Barbosa Neto. Rua do cordão, porque aqui nessas casas de frente, essas casas grandes aqui eram os negros minos, então eles faziam bloco na época de carnaval, a minha mãe sempre contava, por isso que eu sei, e então eles faziam bloco, então fico a rua do cordão, antigamente não era bloco, antigamente era, o cordão dos minos³⁴.

Esses negros a que D. Paulina³⁵ se refere, provavelmente seriam comunidades de escravos, que ali residiam, tornando este espaço, um representativo território negro. Túlia³⁶ recorda que a casa das negras minas, foi comprada posteriormente pelo seu avô, e que ela fica localizada exatamente na rua Barbosa Neto, nº 202. Segundo Nunes (2010), “a rua do cordão,

²⁸ Ibid. pg.245.

²⁹ Sr. Dionísio. Diário de Campo, realizado dia 9 de setembro de 2015 às 15:30.

³⁰ Túlia Arence. Diário de Campo, realizado dia 23 de novembro de 2015 às 14:00.

³¹ Idem.

³² SOARES. Eduardo Alvares de Souza. FRANCO. Sérgio da Costa. *Olhares sobre Jaguarão*. Porto Alegre: Evangraf, 2010. Pgs. 251,252.

³³ D. Paulina Mendes. Entrevista realizada dia 03 de setembro às 14:00.

³⁴ Provavelmente, ela quis dizer, minas.

³⁵ D. Paulina. Entrevista

³⁶ Túlia. Diário de Campo.

é o berço da negritude jaguareense após o fim da escravidão”³⁷. Porém, parece que alguns os moradores são receosos ao falar neste assunto, porque em nenhum diário de campo, o bairro foi citado como um antigo território negro do município. Ao longo de sua monografia Nunes (2010), cita alguns blocos de cordões existentes em Jaguarão que passavam animando as ruas da cidade, entre eles, o bloco chamado de Minas, “[...] um bloco formado por negras vestidas com indumentárias africanas, com turbantes e roupas brancas.”³⁸ A autora ainda chama atenção, como este grupo evidencia o pertencimento à sua identidade étnico-racial em um período fortemente branqueador da cultura africana e afro-brasileira.

Além destas chácaras, há outras pequenas e grandes chácaras que compõe hoje o bairro. Essa zona também era e é conhecida, pelas inúmeras casas de batuque e terreiras de Umbanda existentes, que assim como o antigo território negro, são invisibilizados por alguns moradores.

Ainda conforme a autora supramencionada,

Mestre Vado traz outra possível vertente cultural de influência na formação dessas cordas de carnaval, ao se lembrar dos cordões funerários africanos, realizados pelos antigos escravos jaguareenses, radicados à rua do cordão após o fim da escravidão - apontando, também, para a fundação da umbanda na cidade - [...]”³⁹

Sendo assim, possivelmente, as primeiras terreiras de umbanda tenham sido fundadas no bairro Vencato. Como se pode observar, a rua do cordão, é estritamente marcada por um antigo território negro, cujo qual, se percebe que a comunidade não se sente à vontade em falar e que, este espaço, onde hoje é o bairro, já era, antes mesmo do loteamento, um local estigmatizado pelo restante da população do município. Provavelmente, este, assim como as religiões de matrizes africanas são invisibilizados, pois, geralmente, são estigmatizados por uma grande parcela da população brasileira. Distanciando-se de minhas conclusões, o Sr. Quincas⁴⁰, cujo qual, possui terreira de Umbanda e Quimbanda no bairro, afirma, não haver nenhum tipo de preconceito em relação a sua religião, tanto da parte dos moradores locais, quanto da parte de outros bairros da cidade.

³⁷ NUNES, Juliana dos Santos. “*Somos o Suco do Carnaval!*” *A marchinha Carnavalesca e o Cordão do Clube Social 24 de Agosto*. Pelotas: UFPel, 2010, pg.31.

³⁸ Ibid. pg.46.

³⁹ Ibid. pg.53.

⁴⁰ Sr. Quincas Teixeira, morador há 72 anos da rua Barbosa Neto, antiga rua do Cordão. Diário de campo, realizado dia 18 de setembro de 2015, às 17:00.

1.1 Da Chácara do Galo ao bairro Vencato

O bairro Vencato nasceu no princípio da década de setenta, através do loteamento particular do senhor Frederico Vencato. D. Adélia Vencato, relatou que sua família mudou-se para Jaguarão em 1963, porém anteriormente, seu pai já havia adquirido a “Chácara do Galo”, propriedade esta, com uma significativa extensão de terras⁴¹. Segundo Antônio Carlos Marques, a planta desta chácara é de 1898, no auge das riquezas jaguarenses. É denominada desta forma, pois, possuía um galo de ferro acima do portão de entrada com uma rosa dos ventos.

Nesta chácara, o senhor Vencato criava animais, possuía pequenas plantações e árvores frutíferas. Por ser uma grande área, posteriormente, o senhor Vencato, supostamente por interesses comerciais, decidiu lotear parte de sua chácara. Dona Adélia⁴² nos conta que,

Pra cá, tudo isso era campo, era uma chácara né, eu me lembro que saia pra trabalhar e tudo era campo, não tinha nada de cidade, tinha umas casas ali na rua do cordão, e aqui passando a chácara do Marçal, também tinha umas casas. Aqui na chácara se criava ovelhas, gado, cavalos, galinha, era uma bicharada, era tudo descampado, depois começo a povoar pelas redondezas e o pessoal de longe também, vinham de noite pra roubar os bichos, ou então até caçavam aqui, e aaah era um incomodo só. Os guris tinham que se levanta quase todos dias de madrugada pra dar tiro pro alto, porque se ouvia, as vozes e os barulhos dos que vinham roubar. Daí pra não se incomoda mais, o pai resolveu lotear, era uma chácara enorme e dentro da cidade, mas era uma chácara.

Durante a pesquisa ao periódico A Folha de Jaguarão, encontrei o anúncio do loteamento em nome de Frederico Vencato, nos dias 31 de dezembro de 1973 e 02 de janeiro de 1974. Porém alguns moradores locais afirmam que este é anterior a estas datas, não se lembrando do ano exato do loteamento. Encontrei, uma reportagem no periódico A Folha, do ano de 2006, onde descrevem a história de todos bairros do município. Segundo esta reportagem, “o Sr, Frederico Vencato, proprietário da Chácara do Galo, que fez um loteamento na zona C, dando a origem ao nome do Bairro Vencato, fundado em 30/11/1971 [...]”⁴³ Uma hipótese para isso ter ocorrido, é que talvez o senhor Vencato só tenha oficializado o seu loteamento neste ano, no entanto alguns terrenos já haviam sido vendidos.

⁴¹ Quando nos referimos a uma significativa extensão de terras em relação a Chácara do Galo, é porque provavelmente esta recebe a nomenclatura de chácara, por ser mais próxima a cidade, e sua sede ser rodeada de pomares. Pois devido sua área, deveria ser denominada de fazenda, visto que, ela contém 56 hectares.

⁴² D. Adélia Vencato. Diário de campo, dia 30 de setembro de 2015 às 16:00.

⁴³ Acervo do Jornal A Folha de Jaguarão. Jornal A Folha. Dia 23 de março de 2006.p.14.

[...] FAZ SABER, a quem interessar possa, que o senhor Frederico Vencato, suprindo o que determina o Decreto de Lei nº 58, de dezembro de 1937 [...] que dispõe sobre o loteamento e venda de terrenos em prestações, requereu o depósito dos documentos e inscrição de um imóvel de sua propriedade denominada “Chácara do Galo”, situado nos subúrbios desta cidade, contendo uma área de cinquenta e seis (56) hectares, oito (8) ares, sessenta e dois (62) centiares e oitenta e um (81) decímetros quadrados, confrontando pela frente, com o Caminho da Saudade, por um lado, a oeste, e fundos, com sucessores de Cláudio Echevengú [...] ⁴⁴

Como foi algo planejado pelo proprietário, através da D. Adélia ⁴⁵, tive acesso a planta do loteamento. Por estar se deteriorando, não distingue-se a data, nem a assinatura de quem a desenhou.

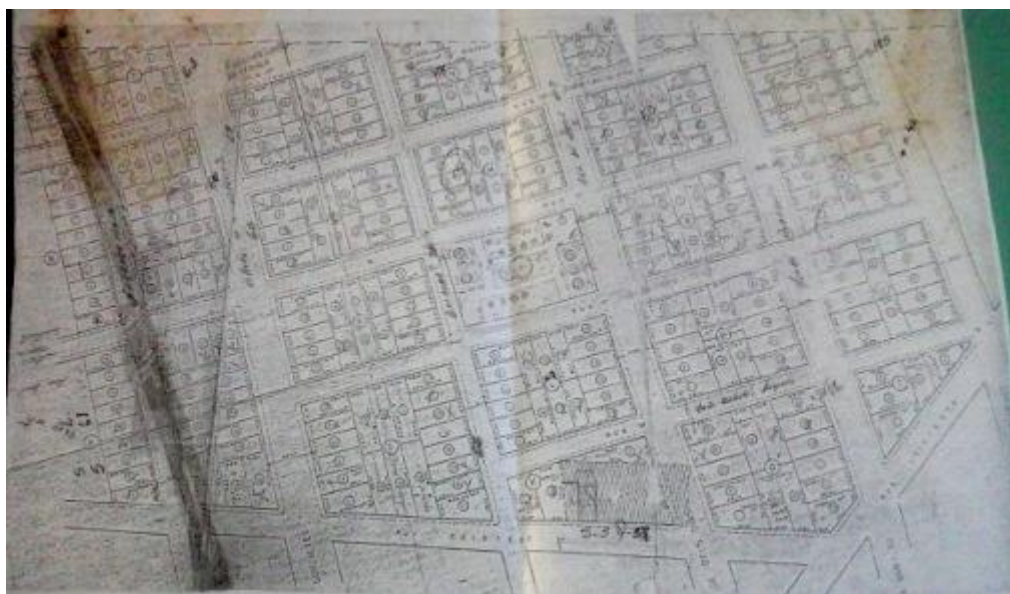


FIGURA 03- Planta do loteamento do bairro Vencato

Fonte: Arquivo Pessoal D. Adélia

Os terrenos do loteamento possuíam um custo baixo e eram vendidos parcelados, pelo escritório do senhor Bruno ⁴⁶, que nos relata que,

Eu era dono da imobiliária onde se vendia os terrenos, acho que foi entre 73 e 75 que se iniciou. 60, 70 % das vendas se deram nos quatro primeiros anos, mas nem todo mundo construía, umas pessoas diziam que porque era barato, iam compra, também ele mandou fazer parcelado pra quem precisasse, eram em 36 parcelas. Depois sempre se vendia igual, um terreno lá que outro. [...] Acho que ele loteou, porque não tinha escolha e podia ganhar bastante dinheiro com isso, a cidade estava crescendo bastante e já estava encostando na chácara do gallo, então resolveu fazer uma urbanização, porque ali como era uma chácara, era considerado rural. [...] Na mesma época do loteamento do Vencato, tinha também outros lotes, aqueles ali atrás do quartel, se vendia bastante também, e lá pros lados do patacão, eram mais barato ainda, então se vendia bastante, que eu me lembro era os três que mais se vendia,

⁴⁴ Biblioteca Pública Municipal de Jaguarão. Jornal A Folha. Dia 31 de dezembro de 1973.p.4.

⁴⁵ D. Adélia. Diário de Campo.

⁴⁶ Sr. Bruno. Nome fictício dado a este senhor que não quis ter seu nome identificado neste trabalho. Diário de campo realizado dia 29 de setembro de 2015.

depois sempre tinha outros terrenos que se vendia, mas de loteamento nessa época, eu me lembro desses três, pelo menos comigo né.

Através deste relato, nota-se o que, Martins (2001) já havia dito, que a cidade estava crescendo para as zonas norte e sul. O loteamento do Vencato (setor B) e Patação (setor D), por ser nestas áreas, eram considerados periféricos e taxados de baixo valor econômico.

O baixo custo dos lotes, também podia ser observado através dos periódicos, conforme trecho de uma crônica do jornal, “[...] no loteamento da Chácara do Galo, existem terrenos próximos ao rio, sem perigo, ao preço de 5 carteiras de cigarro por mês.”⁴⁷

Há relatos de que o senhor Vencato doou terrenos para alguns de seus funcionários e para algumas pessoas que necessitavam e não tinham condições de comprar, assim como, com o passar do tempo doou e trocou com a prefeitura algumas áreas para construção e benefícios da própria comunidade do bairro. Segundo D. Adélia⁴⁸:

O pai ajudou tanta gente, doou terrenos pra comunidade e prum monte de gente que vinha aqui pedi, e as pessoas não passaram os terrenos pros seus nome. Também, aquele terreno da praça foi doação dele, depois pediram um pedaço de terreno pra fazer a quadra da escola e se deu, ou se troco por uns terrenos lá da Andrade Neves que alagava muito. E nunca convidaram ele pra conhecer nada, para inaugurar nada, depois que ele faleceu é que vieram aqui, que queriam fazer uma homenagem, colocar um busto dele na praça ali, mas eu não deixei, disse que não queria nada, que tinha que sido feito quando ele era vivo, não agora.

Através, deste relato, nota-se que D. Adélia⁴⁹, se sente aborrecida, por seu pai ter ajudado alguns moradores, e a própria comunidade em geral, com outras doações para usos de bem coletivo, e ele, ser reconhecido apenas, após seu falecimento. Como foi exposto pelo Sr. Bruno⁵⁰, naquela época também havia outros loteamentos em comercialização. Ao longo das entrevistas e diários de campo, aparecem relatos de moradores, dizendo o porquê de terem escolhido comprar seus terrenos naquele local. Diz, D. Adélia⁵¹: “Acho que o loteamento deu certo, a cidade tava crescendo para outras vilas e queriam aqui porque era mais perto de tudo”.

Por mais arriscado que seja, através de Martins (2001) que discute sobre a expansão da cidade de Jaguarão e dos relatos até aqui elencados, cheguei à conclusão de que, muito mais do que supostamente lucrar com a venda dos lotes, o Sr. Vencato, possivelmente não obteve outra saída, a não ser acompanhar este desenvolvimento urbano. Pois devido às

⁴⁷ Biblioteca Pública Municipal de Jaguarão. Jornal A Folha. Dia 6 de outubro de 1979.

⁴⁸ D. Adélia. Diário de Campo.

⁴⁹ Idem.

⁵⁰ Sr. Bruno. Diário de Campo.

⁵¹ D. Adélia. Diário de Campo.

circunstâncias do expansionismo, onde a cidade estaria crescendo ao redor de sua chácara, fato que, por ser localizada em uma zona mais próxima da área dita central de Jaguarão, fez com que ele realizasse o loteamento. Lógico que, além da dedução deste crescimento urbano, não se pode deixar de pensar na possibilidade de que lotear, lhe geraria lucro. Sobre a localização do loteamento, o Sr. Orocildo⁵², morador do bairro há quarenta anos, nos conta que:

Eu me lembro que quando eu comprei aqui, eu achei que valia mais a pena, eu morava lá no Uruguai e queria me muda pra cá, eu procurei com calma os terrenos, passei quase um mês procurando por tudo em todos cantos da cidade. E acabei escolhendo aqui porque achei bom o lugar, pertinho do centro, no momento em que realmente o bairro se formasse ia se bom e aqui achei que valia mais a pena, das vilas, essa era a mais perto. E outra coisa, era mais barato do que nos outros lugares, se compro a prestação pela imobiliária Sulino na época.

Quando questionei para o Sr. Orocildo⁵³, sobre o estigma que havia sobre esta zona do bairro, ele nos relata, que a desconhece. Afirma que mais adiante do loteamento, existiam diversos cabarés, onde sempre ocorriam brigas, mas que estes ficavam distantes do loteamento. O bairro Vencato nasceu no período da Ditadura Militar, através da iniciativa particular do senhor Frederico, diferentemente de outros bairros da cidade de Jaguarão, como o bairro Kennedy que nasceu através do Plano Nacional de Habitação. Segundo Rosa (2015), o bairro Kennedy, surgiu inicialmente com a transferência de algumas famílias do Cerro da Pólvora, para um prolongamento da rua Júlio de Castilhos. Posteriormente com o projeto COHAB⁵⁴ foram concluídas e vendidas, por um baixo custo, mais 35 casas para as pessoas que possuíssem um trabalho regular, onde juntamente foi construído para a população um Centro Social. Quando estas casas foram entregues, a vila foi denominada John Kennedy.

Segundo Cariello Filho (2011) o governo militar de Castello Branco, lançou o Plano Nacional da Habitação em 1964, onde as políticas habitacionais para a casa própria, eram financiadas em um longo prazo sendo sustentadas pelos recursos do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço (FGTS) e as cadernetas de poupança. O Plano Nacional de Habitação, “[...] tinha a meta de produzir oito milhões de moradias para venda financiada entre as camadas populares, de modo a eliminar em quatro anos o déficit que estimava para o país.”⁵⁵

⁵² S. Orocildo Coelho. Diário de campo realizado no dia 2 de outubro de 2015 às 18:00.

⁵³ Idem.

⁵⁴ Companhia de Habitação.

⁵⁵ FILHO, Orlando Cariello. *As políticas federais de habitação no Brasil (1964 a 2002) e a reprodução da carência e da escassez da moradia dos trabalhadores*. Brasília: FAU- UnB, 2011, pg. 91 (Dissertação de Doutorado).

Não obtive sucesso, na procura pela possível lei que regeu o loteamento do Sr. Frederico, tão pouco, pude ter acesso à documentação da prefeitura, para analisar o plano diretor do período. O que possuímos a respeito deste, foram relatos informais, de que, a prefeitura não era rígida em alguns aspectos de suas leis, e aceitava que os loteamentos se dessem apenas com as aberturas das ruas. Gerando assim um loteamento que já iniciava sem estruturas, apenas com a delimitação das ruas e terrenos, em condições precárias, sem água e luz, tendo que os futuros moradores se mobilizarem em prol de necessidades básicas. Sobre essa situação de precariedade no início do loteamento, o S. Orocildo⁵⁶, diz que:

Naquela época quando a gente se mudo, não tinha água, nem luz, foi uma luta pra ligarem, a gente tinha que fazer abaixo assinado, e tu imagina, eram poucas pessoas que assinavam, porque era poucas pessoas que moravam, daí demoravam pra atender o pedido né, era difícil, mas sempre se conseguia. Além da água, da luz, a gente reivindicava por causa das ruas também que estavam tudo em campo, só tinha o trilhadore pra passar, então quando comecei a fazer a casa, pro caminhão dos materiais entrar aqui, era brabo.

Como se pode perceber, o fato dos loteamentos, se iniciarem sem infraestruturas básicas, afetavam diretamente os moradores, ou pelo menos, os primeiros moradores daquela localidade. E este fato, não ocorria apenas na cidade de Jaguarão, também se sucediam em outras cidades, como na grande Porto Alegre. Conforme Freire (2000), “Os loteamentos desordenados, entregues sem planejamento ou infra-estrutura, que infringiam, inclusive, as leis que proibiam o desmembramento das glebas em áreas menores, estimularam seus novos ocupantes a se organizarem.”⁵⁷ Estes, assim como os moradores do bairro Vencato, tiveram de se mobilizar em prol de melhorias, sendo que este, foi um loteamento privado. Segundo o relato de um morador do bairro Lomba do Pinheiro, “ Os movimentos reivindicatórios de então, pediam às prefeituras – tanto de Viamão, quanto de Porto Alegre- saneamento, legalização dos terrenos, escolas, postos de saúde, iluminação, asfalto [...]”⁵⁸

O bairro aos poucos foi se formando e necessitando de infraestruturas para atender as necessidades básicas da população. Além de água e luz, um bairro necessita de outras estruturas como o próprio saneamento básico, escola, creche, um posto de saúde, espaços de lazer, um local onde os moradores possam se reunir, entre tantas outras demandas.

No capítulo seguinte, analisaremos como estas infraestruturas chegaram até o bairro, qual a participação e o olhar dos moradores sobre cada uma destas.

⁵⁶ S. Orocildo. Diário de Campo.

⁵⁷ FREIRE, Eduardo Duarte, et al. *Lomba do Pinheiro (Memória dos Bairros)*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, 2000. p 101.

⁵⁸ Ibid. p.101.

1. “ME LEMBRO QUE NÃO ERA POVOADO COMO HOJE, ERA TUDO CAMPO”: DO LOTEAMENTO À FORMAÇÃO DO BAIRRO

Após compreender sobre como se deu o surgimento do loteamento, neste capítulo irei abordar, como o este era inicialmente e como, progressivamente o crescimento populacional, impulsionou na vinda das diversas infraestruturas existentes no bairro. Para acompanhar e entender como se deu este processo de surgimento, formação e constituição do bairro, utilizei principalmente a História Oral, com a realização de entrevistas e diários de campo. Entre os pressupostos desta, segundo Meihy e Holanda, ela busca “[...] dar voz a setores desprezados por outros documentos, a história oral ganha significado ao filtrar as experiências do passado através de narradores no presente.”⁵⁹ E é justamente isso que idealizo, registrar a história do bairro, dando voz aos moradores que nele vivem, para que possam compartilhar suas recordações conosco.

Em busca dos moradores mais antigos do loteamento, encontramos o senhor Orocildo⁶⁰, que nos conta que:

Eu vim pra cá, mais ou menos em setenta e quatro, setenta e cinco, uns quarenta anos atrás por aí. Eu me lembro que não tinha casas, em todo lote, deveria ter umas dez casas, mas eram bem espalhadas, até fora do lote do Vencato eram poucas casas. Aaah eu acho que demorou um pouco para lotear sim, imagina até agora, 40 anos depois, tem uns terrenos baldio.

Com o relato do Sr. Orocildo⁶¹, se pode imaginar como era o espaço do loteamento, praticamente um campo, com poucas casas no entorno, mas que foi sendo habitado aos poucos, tendo até os dias atuais, terrenos sem usos.

Através das Atas da Câmara Municipal de Jaguarão, consegui acompanhar os vários pedidos e reivindicações dos moradores para instalação de água e luz, bem como para a abertura de ruas, como neste exemplo: “Proposições verbais do Nobre Vereador Victor

⁵⁹ MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: ed. Contexto, 2010, pg. 28.

⁶⁰ S. Orocildo. Diário de Campo.

⁶¹ Idem.

Hugo Nieto que solicita enviar sugestão ao chefe do executivo no sentido de instalar água na chácara do galo, de acordo com o abaixo assinado dos moradores’’⁶².

D. Paulina⁶³, moradora próxima ao loteamento a oitenta anos, relembra o início deste:

Era tudo campo e a gente atalhava, tinha um rio lá em baixo e a gente ia lá busca lenha. Me lembro que não era povoado como hoje, era tudo campo. Aí onde é chácara do galo, a Vencato era uma chácara, então esses maioral que tinham vaca, cavalo e tudo, arrendavam a chácara do galo pra colocar cavalo à pastoreio. O bairro foi crescendo aos poucos, começavam, cada um fazia uma pecinha, duas, cada um comprava seu terreno, e iam fazendo. A água e a luz, ate aqui nos tivemos que pedi pra vim à agua, não tinha esgoto, não tinha nada. A terminação do esgoto foi o Ribas. Não tinha luz, era tudo com lampião.

O relato de D. Paulina⁶⁴, traz elementos interessantes, como, quando ela narra, “então esses maioral” faz com que se reflita sobre as relações de poder existentes não apenas no bairro, mas em toda cidade neste período. Ainda, remete a simplicidade das pessoas que ali residiam, como quando ela se recorda, que atalhavam os campos para irem buscar lenha e a construção de uma ou duas peças, também fica explícito a precariedade das zonas na década de setenta, pois como já foi tido anteriormente, D. Paulina⁶⁵, não é moradora do loteamento, mas sim do entorno deste, que posteriormente passou a fazer parte do bairro Vencato.

D. Santa⁶⁶ nos traz algumas recordações de quando chegaram ao loteamento e como o bairro foi se formalizando,

A gente mora aqui há trinta e um anos, veio pra cá em oitenta e quatro, aqui na volta era tudo campo, os esgoto passavam tudo a céu aberto, tinha uma casinha ali, uma casinha aqui [...] O bairro foi crescendo aos poucos, devagar, era mais campo mesmo, mas já tinha água e luz na minha rua quando eu vim pra cá, só tinha a casa da esquina ali e essa do lado, aqui dobrando tinha uma ou duas casas, também, não me lembro, ali na outra quadra, já tinha umas duas também. Já tinha a creche quando eu me mudei, depois o pessoal pediu pra ter escola também era bastante criança na volta, depois se pediu para o prefeito traze um postinho de saúde. Tudo ia e se pedia direto pro prefeito, sem frescura, a gente conversava aí na comunidade e eles levavam os pedidos [...] os prefeitos que mais ajudaram pro bairro melhora foram o Aldo Rosa e o Ribas⁶⁷[...]⁶⁸

Na narrativa de D. Santa⁶⁹, se encontra diversos elementos, como a precariedade do bairro. Mesmo onze anos após o início do loteamento, o esgoto ainda não havia sido canalizado,

⁶² Câmara Municipal de Jaguarão. Atas da Câmara Municipal de Jaguarão. Livro de 1973-1980. Ata nº 1194, dia 21 de novembro de 1978.p. 227.

⁶³ D. Paulina. Entrevista.

⁶⁴ Idem.

⁶⁵ Idem.

⁶⁶ D. Santa Duarte. Diário de campo dia 29 de setembro de 2015 às 14:00.

⁶⁷ O Prefeito Aldo Rosa, teve seu mandato entre os anos de 1979 á 1986. Já o mandato do Fernando Ribas, compreende os anos que se sucedem entre 1986 á 1988.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

passando em frente às casas. Sobre o esgoto, esta relatou, que foi somente neste ano de 2015, que esta situação se modificou, quando a prefeitura o canalizou, ou seja, durante 31 anos, se manteve a mesma precariedade, em relação a este. Os antigos moradores, através de suas mobilizações, já haviam conseguido com que fosse instalado água e luz no bairro, porém, este ainda carecia de várias mudanças estruturais. Seu relato também evidencia o protagonismo dos moradores existente no bairro, onde provavelmente estas conversas se deram no Centro Comunitário. A maneira como ela relembra, a forma que eram feitos os pedidos aos prefeitos “sem frescura”, evidenciando que talvez, naquela época ainda se continuava com uma outra forma de política, a coronelista, voltada para a troca de favores.

Como se pode perceber através dos relatos, quando os moradores chegaram ao loteamento, ele era pouco habitado. Com o passar do tempo, este, foi crescendo, e na medida em que era povoado, iam se necessitando novas demandas populacionais de infraestruturas.

2.1 Um bairro em construção: a visão dos moradores

Hoje em dia, o bairro dispõe de algumas infraestruturas que aos poucos foram sendo instaladas, como uma escola de educação infantil, um Centro Comunitário, uma escola, uma praça de lazer para comunidade, um posto de saúde, quadra de esportes. A seguir procurei narrar como cada uma destas chegou até o bairro, e o que a população nos conta sobre estas.

O Centro de Recreação Vovó Neneca



FIGURA 04: E.M.E.I. Pato Donald⁷⁰
Fonte: arquivo pessoal

⁷⁰ Imagem da atual Escola Infantil.

A primeira infraestrutura que foi instalada no bairro, foi a creche, ou melhor dizendo, o Centro de Recreação Vovó Neneca. Meu primeiro contato sobre o antigo Centro de Recreação, atual EMEI⁷¹ Pato Donald, foi quando tive acesso às atas das reuniões do Centro Comunitário. Inicialmente, estas reuniões, quando este não possuía sua sede própria, ocorriam nas imediações da creche. A primeira ata do Centro Comunitário tem registro do ano de 1986, logo, a creche é anterior a esta data. Fui até a atual EMEI pensando que lá encontraria documentações ou registros da data de fundação, porém para minha surpresa, não há nenhuma documentação que se refira à antiga creche Vovó Neneca. Continuando com a busca sobre os vestígios desta, fui até a Secretaria de Educação, onde me informaram que lá tão pouco havia registros sobre as antigas creches da cidade. A resposta para falta de documentação, foi de que antigamente as creches, eram assistenciais e não educacionais. Portanto, eram de responsabilidade da Secretaria do Desenvolvimento e Bem Estar Social, e esta foi extinguida há alguns anos, juntamente com toda sua documentação. Assim, procurei ir atrás de moradores do bairro, para saber informações de possíveis pessoas que haviam trabalhado nesta. Conversei com a D. Tati⁷², que me afirmou ter trabalhado na creche durante 26 anos, porém não se recorda o período correspondente a este. Através de D. Tati⁷³, descobri que antes da creche ser no atual local⁷⁴, ela funcionou juntamente com a capela da Comunidade São Vicente de Paulo.⁷⁵

Eu trabalhei na creche 26 anos, quando ela era ali nos Vicentinos ainda, daí a prefeitura construiu lá e a gente se mudou pra lá, o lugar era maior e podia ter mais criança. Vicentinos eram as senhoras velhinhas que eram donas da quadra e construíram um salão grande com cozinha e banheiro para a comunidade. Daí durante a semana era creche e no final de semana era igreja, tinha missa e tudo mais. A capela ali não tinha, só o salão grande, depois a comunidade se juntou e fez a capela. A comunidade era muito unida, todo mundo ajudou.⁷⁶

O relato de D. Tati⁷⁷, traz elementos, que remetem a pensar no crescimento do bairro, quando diz que o espaço da nova creche, era maior, podendo atender mais crianças, o que supostamente, evidencia uma demanda maior de mães que não tinham onde deixar seus filhos. Em sua fala, ela também destaca o protagonismo da comunidade, ao dizer que os moradores

⁷¹ Escola Municipal de Educação Infantil.

⁷² D. Iraci Souza, popularmente conhecida como D.Tati. Entrevista realizada dia 14 de setembro de 2015, às 17:00.

⁷³ Idem.

⁷⁴ Praça Dr. Osvaldo Vergara.

⁷⁵ Rua Barbosa Neto. Meia quadra passando o loteamento do Vencato.

⁷⁶ D. Tati. Entrevista.

⁷⁷ Idem.

se juntaram e construíram a capela, bem como, ainda ressalta os laços afetivos sociais, quando diz que eram todos unidos, que todos ajudavam.

Em meio a suas recordações, Túlia⁷⁸ contou que na comunidade, em meados de 1950,1960 existia uma escola, e que esta veio a encerrar suas atividades posteriormente. Também lembrou, que entre os anos de 1975 e 1976, Noeli Cechin⁷⁹ conseguiu implementar uma creche, visando atender as mães que não teriam onde deixar seus filhos, esta foi instalada no prédio da comunidade, porém quem a mantinha era o município. Túlia⁸⁰ recorda, que algumas pessoas, no período da noite, entravam no prédio para saquearem alimentos, restando no outro dia, um “trilhadeiro” de comidas. A fim de solucionar este problema, a instituição, principiou a fornecer cestas básicas para as famílias carentes, para que assim, não precisassem mais saquear.

Quando descobri o nome da antiga creche, logo me veio um questionamento: quem era e por que do nome, Centro de Recreação Vovó Neneca?

Ao longo das entrevistas, sempre questionava isso para as pessoas. D, Marli⁸¹, conta que: “A vovó Neneca, uma senhora idosa, caridosa, que não morava no bairro, era uma “mulata velha”, era religiosa, daquelas bem beata, talvez ajudasse porque a escolinha era na igreja.”

D.Tati⁸² nos diz, “A dona Neneca era uma senhora velhinha rica que ajudava a comunidade com dinheiro e em homenagem a ela, colocaram o nome dela na creche.”

Túlia⁸³ relembra que a dona Neneca, era uma senhora negra que trabalhava no hospital, e estava sempre envolvida com a igreja Divino Espirito Santo. Mais para além, recorda, que esta dava aulas gratuitas de alfabetização para jovens e adultos na capela da comunidade.

No Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão, há um retrato de dona Neneca, esta se chamava Alice de Oliveira Mirapalheta, nascida em 1^a de março de 1902, vindo a falecer em 17 de julho de 1985. Quando questionei para a funcionária deste, se ela a conhecia, ela afirmou, se lembrar vagamente sobre D. Neneca, em suas recordações, esta estaria sempre envolvida com as campanhas da igreja Divino Espirito Santo. Sobre o motivo de esta foto estar lá, ela afirma que a muitos anos atrás, um senhor o levou para lá.

⁷⁸ Túlia. Diário de Campo.

⁷⁹ Túlia, não se recorda direito, porém, acredita que a Noeli era representante do Grupo de Ação Social.

⁸⁰ Túlia. Diário de Campo.

⁸¹ D. Marli. Diário de campo, dia 22 de setembro de 2015, às 13:30.

⁸² D. Tati. Entrevista.

⁸³ Túlia. Diário de Campo.



FIGURA 05: Retrato de Neneca
Fonte: Acervo IHGJ

Não temos bem definido quem era a Vovó Neneca, mas através dos relatos, pode-se perceber que existe um imaginário no sentido de que fosse, uma senhora caridosa que estava sempre ajudando ao próximo, e em simbolização ao seu auxílio, lhe homenagearam colocando seu nome na creche. Assim como, em uma forma de prestar honras para esta senhora, levaram um retrato seu para o Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão.

Em conversa com alguns moradores, encontrei uma professora que também atuou na creche, no tempo que ainda era nos Vicentinos. D. Marli⁸⁴:

Eu lembro que a Vencato era um vila bem pequena quando início, não tinha a escola, não tinha o posto de saúde, só tinha a igreja dos vicentinos, onde tinha uma escolinha ali que eu dava aula pras crianças. Ficamos um bom tempo ali e depois fomos pra lá onde é até hoje a creche. Eu não me lembro o ano que era isso, mas se não me engano, o prefeito era o Ribas. Tinham bastante crianças, a gente era cinco que trabalhava lá, eu, a Tatí, a Maria Luca, a filha do prefeito Aldo Rosa e a outra não me lembro, mas tinha outra. [...] As pessoas do bairro ajudavam na creche quando se precisava, era como se fosse uma família, todo mundo se dava bem, eu me lembro que faziam mutirões. ‘‘

O relato de D. Marli⁸⁵ está repleto de elementos que caracterizam o bairro, e as relações entre as pessoas que ali residiam. Como por exemplo, quando ela se refere à dimensão do bairro, onde narra que era uma vila bem pequena, porém havia muitas crianças na escolinha anterior a creche. Ela também faz alusão ao imaginário que está impregnado nos

⁸⁴ D. Marli. Diário de Campo.

⁸⁵ Idem.

moradores sob a figura do prefeito Fernando Ribas⁸⁶, onde todos da comunidade sempre se referem a este, como uma pessoa boa, que estava auxiliando para que o bairro prosperasse.

D. Santa⁸⁷ nos relata que:

Não lembro de quando é a creche, mas eu morava lá pra cima, e meu filho mais velho, trazia o menor pra creche, e eu me mudei pra cá em 1984, e meu filho já vinha pra cá, acho que ele tinha uns seis anos, e ele é de 77, faz as contas aí (1983)... Eu me lembro que diziam que quem mandou fazer essa creche foi o Dr. Chaves, depois colocaram o nome dele até na rua essa que passa aí na frente.

Através do relato de Túlia⁸⁸ e D. Santa⁸⁹, obtive uma suposta data para a fundação da creche. Fica visível, que cada morador tem uma perspectiva sobre a maneira em que a creche tenha sido instalada, mas que porém, no final, todas se complementam. Para Ansaldi (2001) “[...] la memoria es un componente esencial de la identidad individual y colectiva como lo que queda del pasado em lo vivido por grupos o colectivos sociales, cualesquiera ellos sean, o bien que estos grupos hacen del pasado”⁹⁰ E nestes duas narrativas, temos evidenciado as disputas pela memórias individuais, que quando analisadas se tornam elementos de uma memória coletiva, que são interpretados e reinterpretados pelos moradores com o passar do tempo. Segundo Pollak, “[...] o trabalho permanente de reinterpretação do passado é contido por uma exigência de credibilidade que depende da coerência dos discursos sucessivos.”⁹¹

Como pode-se perceber não obtive uma data certa para a fundação da creche, porém através dos relatos dos moradores, fica evidente que esta é da metade da década de 70. E provavelmente chegou ao bairro, pela demanda das mães que tinham que trabalhar e não haviam onde deixar seus filhos. A creche mais próxima que havia do bairro, fica localizada a uns 15 minutos deste, que é a Creche Nosso Lar⁹², uma instituição mais central que provavelmente atendia crianças de diversos bairros.

Através dos relatos dos moradores acima, fiquei sabendo da Comunidade São Vicente de Paulo, ou Comunidade dos Vicentinos, como a própria população do bairro o chama, que é ligada a Igreja Católica. Esta é localizada a meia quadra do loteamento do Vencato, e na

⁸⁶ O prefeito Fernando Ribas, teve seu mandato de 01 de janeiro de 1986 á 19 de junho de 1988, quando veio á falecer em um acidente automobilístico. Em todas as entrevistas, diários de campo e conversas informais com os moradores, todos o citam, sempre positivamente em relação aos benefícios que trouxe para o bairro.

⁸⁷ D. Santa. Diário de Campo.

⁸⁸ Túlia. Diário de Campo.

⁸⁹ D. Santa. Diário de Campo.

⁹⁰ ANSALDI, Waldo. *La memoria, el olvido y el poder*. In: Cidade e memória na globalização. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2002. p.41.

⁹¹ POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 10.

⁹² Sociedade Espirita Fé, Esperança E Caridade - Creche Nosso Lar, localizada na Rua Júlio de Castilhos, nº 869.

época de sua fundação, o local não era considerado bairro Vencato, vindo a fazer parte do bairro, posteriormente. A comunidade foi fundada pelas irmãs Vicentinos, e inicialmente era um salão grande com banheiro e cozinha, construído no terreno doado por estas irmãs. Onde durante a semana emprestavam para as atividades da creche Vovó Neneca, e aos finais de semana realizavam missas com a participação de padres e ministros. Segundo D. Paulina⁹³:

A comunidade, era uma casa, aí o seu Geraldo, fez curso e passou para ministro e se interessou por aqui e se fez a comunidade São Vicente. A comunidade ajuda com rancho pras pessoas bem necessitadas, são sete famílias, compra e se prepara os ranchos, desde o início se ajuda as pessoas assim. Todos sábados tem celebração e no final do mês, tem a missa com o padre. Enche de gente todos finais de semana, na época de natal, dia das crianças se faz festa pras crianças, até que é bem ativa a comunidade. A gente ajuda da maneira que pode, sempre foi assim, nunca mudou e acho que por enquanto que eu tiver aí, vai ser sempre assim.

Como pode-se perceber, segundo D. Paulina⁹⁴, a igreja está sempre auxiliando seus fiéis da comunidade, seja economicamente ou espiritualmente. Porém não podemos deixar de pensar nas outras religiões existentes, como as diversas terreiras de Umbanda e Casas de batuque, os centros espíritas, as benzedadeiras, as igrejas evangélicas, entre outras, que formam o bairro Vencato.

A ligação da Igreja Católica e outras entidades religiosas nos bairros são frequentes. Conforme Rosa (2015), no Cerro da Pólvora, “[...] conviveram benzedadeiras, padres, espiritualistas, reverendos e pastores evangélicos, que buscavam seus fiéis de acordo com sua doutrina e, em contrapartida, ajudavam as famílias que passavam/viviam com muitas dificuldades econômicas.”⁹⁵

Um fator importante para ser destacado é que estas entidades religiosas, mesmo coexistindo juntas, provavelmente não conviveram de forma harmônica, havendo possivelmente preconceitos entre umas e outras. Principalmente, no que se refere às religiões de matrizes africanas, onde estas, provavelmente são inviabilizadas por alguns moradores do bairro, mesmo este sendo conhecido pelo grande número de terreiras de Umbanda e Casas batuque existentes neste.

⁹³ D. Paulina. Entrevista.

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ ROSA, Alzemiro Gonçalves. *A voz popular: O Cerro da Pólvora nas décadas de 1960-1970 em Jaguarão-RS*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História-Licenciatura na Universidade Federal do Pampa. Jaguarão, 2015, p. 28.

O Centro Comunitário da Zona C



FIGURA 06: Centro Comunitário da Zona C
Fonte: arquivo pessoal

O Centro Comunitário Zona “C”⁹⁶, foi fundado em 13 de março de 1986 por moradores do bairro Vencato através da iniciativa do prefeito Fernando Ribas.

O relato de um morador da Lomba do Pinheiro sobre as organizações sociais, fez-me refletir sobre a iniciativa da construção do Centro. “Era uma época difícil, a época da ditadura, muita repressão, uma época em que não era permitida nenhuma organização. [...] O povo foi se organizando e exigindo aquilo que estava correto na época, um pouco diferente de hoje.”⁹⁷ Ao ler esta narrativa, recordei que o prefeito Fernando Ribas, foi eleito em 1986, um ano após o fim da Ditadura Militar. Quiçá, tenha sido este o motivo pelo qual, os bairros tenham criados seus Centros Sociais, formas de organização, que até então eram reprimidas.

Antes de ter sua sede própria, as reuniões ocorriam na creche Vovó Neneca. Pela análise das atas e do estatuto deste Centro, se percebe a forte ligação entre a comunidade e este. O Centro Comunitário não tinha fins lucrativos, mas sim sociais para o desenvolvimento e o bem estar da comunidade. Para se manter, contava com doações de moradores, bem como, com um grande número de sócios pagantes de uma mensalidade. A verba arrecadada inicialmente era para a construção do prédio do Centro Comunitário em um terreno cedido pela prefeitura na Praça Osvaldo Chagas. Além desta a prefeitura auxiliava com um valor

⁹⁶ O Centro Comunitário é denominado Zona C, mediante a antiga separação da cidade em zonas, o atual bairro Vencato, era delimitado como Zona C.

⁹⁷ FREIRE, Eduardo Duarte, et al. *Lomba do Pinheiro (Memória dos Bairros)*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, 2000. p. 104, 105.

mensal, que era doado pela SEAC⁹⁸ e a LBA⁹⁹ que era revertido em materiais de construções. Segundo o Sr. Caraciollo¹⁰⁰:

A gente era sozinho, tudo era por conta da comunidade, não era o prefeito que ajudava. Vinha verba no nosso nome, e nós tinha conta no banco do Meridional, o filho do João Carlos Knor que era deputado conseguia verba pra nós através da SEAC e a LBA e vinha verba pro centro comunitário e o João Alberto bloqueava as verbas e nos dava material, nós vivia sempre na porta da prefeitura, eu tinha que deixa de trabalha, pra i lá consegui, daí eu me cansei de tudo e deixei.

Acredito que quando o Sr. Caracillo¹⁰¹, faz a referência, “ [...] a gente era sozinho, tudo era por conta do comunidade, não era o prefeito que ajudava’”, ele está se referindo ao protagonismo da comunidade em relação à construção do prédio. Pois, como ele mesmo, menciona, mais à baixo, a verba para a construção do Centro, vinha através de doações da SEAC e da LBA, em nome do presidente da instituição, e como este também relembra, que talvez tenha sido o fato de ele ter cansado de ter que estar sempre correndo atrás das verbas predestinadas ao Centro e resolveu deixar a diretoria deste. O prefeito da época, bloqueava esta verba e ao invés de repassar o dinheiro diretamente, dava-lhes os materiais necessários para a construção. O que segundo a entrevista com este senhor, isso não ocorria, pois eles tinham que ir diversas vezes até a prefeitura fazer o pedido dos materiais que estavam faltando, onde muitas vezes estes não eram entregues ou iriam trocados.

Os auxílios financeiros da LBA, foram sentidos não apenas no tocante de Jaguarão, mas de outras cidades também, “Com o auxílio de uma verba da LBA- Legião Brasileira de Assistência- a creche foi construída em regime de mutirão-uma importante realização coletiva da comunidade.”¹⁰² Além deste, fica evidenciado, como por volta da década de 70 e 80, os moradores dos bairros eram mais unidos, em prol de melhorias para estes. Este fato, pode ter ocorrido, pelo fator, que outrora, inicialmente os bairros eram mais precários, e hoje em dia já possuem diversas infraestruturas.

O protagonismo da comunidade em relação à construção do Centro Comunitário, foi um fator que esteve presente em grande parte dos relatos dos moradores. Todos fizeram alusão ao nome de pessoas que ajudaram na construção deste.

⁹⁸ Secretária Especial de Ação Comunitária.

⁹⁹ Legião Brasileira de Assistência.

¹⁰⁰ Francisco da Cunha, popularmente conhecido como Sr.Caraciollo. Entrevista realizada dia 27 de agosto de 2015 às 16:00.

¹⁰¹ Idem.

¹⁰² FREIRE, Eduardo Duarte, etall. *Lomba do Pinheiro (Memória dos Bairros)*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, 2000.p. 121.

O Centro Comunitário funcionava também como um clube para a comunidade, onde para angariar fundos eram realizadas discotecas infantis, bailes, chás, bingos, concursos, quermesses, festivais popular, festas de aniversários, casamentos, dia das crianças, natal e realização de almoços e jantares. O Centro Comunitário também realizava festividades gratuitas para a comunidade, bem como emprestava o local para realizações de eventos beneficentes para auxiliar pessoas da comunidade ou outras instituições presentes no bairro, como o empréstimo para a escola e para a igreja.

O Centro funcionou consecutivamente de 1986 a 1993, após teve algumas interrupções, porém voltando a funcionar. No ano de 2006, o prédio do Centro Comunitário foi emprestado para a prefeitura, para receber as instalações do posto de saúde do bairro, pois seu antigo prédio, estava desabando, assim extinguindo suas atividades.

No auge de seu funcionamento, conforme ata 22¹⁰³ o Centro Comunitário chegou a criar sua própria bandeira, com os seguintes significados: o sol, representando o surgimento da comunidade; o vermelho do fundo da bandeira, a força da comunidade e as mãos em preto e branco, simbolizando a integração.



FIGURA 07 - Bandeira do Centro Comunitário da Zona C
Fonte: Acervo do Centro Comunitário da Zona C

Pode se dizer que essa bandeira representa muito mais do que, apenas o que estava descrito na ata. O vermelho do fundo, muito mais do que a força da comunidade, possivelmente, poderia representar as posições de esquerda e os movimentos sociais, as mãos em preto e branco, simbolizando a integração. Como foi abordado no primeiro capítulo, o

¹⁰³ Centro Comunitário. Livro único de Atas do Centro Comunitário da Zona C. Ata nº 22 do ano de 1989, do dia 7 de março de 1989.

bairro é um antigo e representativo território negro, quiçá essa integração a que eles se referem, seja a incorporação dos antigos e novos moradores deste território. Ainda, porventura, poderia representar a aceitação de que aquele espaço já havia sido ocupado por comunidades negras, fato este, que ao longo desta pesquisa, sempre esteve invisibilizado, a população sempre se mostrou receosa ao tocar neste assunto.

Como já foi dito anteriormente, a construção do Centro Comunitário foi uma iniciativa da prefeitura municipal. Esta iniciativa contemplou outros bairros que ainda não tinham seus Centros Comunitários, como podemos perceber nos anúncios dos periódicos.

Os periódicos mostravam as obras dos Centros Comunitários, sendo vistas como para o beneficiamento das comunidades, como neste anúncio: “[...] Outras obras de interesse coletivo, a serem determinadas, são os Centros Comunitários das Vilas Carvalho e Vencato [...]”¹⁰⁴. E neste outro posteriormente, “Cidade Unida – Qualidade de Vida [...] construção em mutirão, C. Sociais, Vilas Carvalho e Vencato”¹⁰⁵.

O Sr. Caraciollo¹⁰⁶ nos relata que,

O Dr. Ribas quando assumiu, ele dividiu a cidade em quatro comunidade, charqueada, tinha a zona a, zona b, e aqui era a zona c. Ele mandou que cada um construísse a sua sociedade, ele não ajudava com nada, só autorizo e nos deu o terreno da praça. Quando criaram o centro, ali o bairro já estava bem habitado, cheio de casas ao redor, quando criaram o centro o bairro já estava formado.

A construção do prédio iniciou no ano de 1986, e sua conclusão, provavelmente teria sido em meados de 1990, isso não fica evidente, nem nas atas do Centro, nem nos periódicos. O que é visível, tanto pelas atas deste, quanto pelos relatos dos moradores, é que com o passar do tempo, o Centro Comunitário, mudou sua antiga forma de atuação, e quiçá sendo este, o motivo pelo qual ter ele se extinguido. Em seus primeiros anos de atividade, o Centro tinha como objetivo, a união dos moradores, com a realização de reuniões sobre a própria comunidade e as possíveis melhorias que poderiam ter. Tanto que, em reuniões mensais, a comunidade se reunia, e cada um levava um pedido de melhoria para o bairro, onde eram escolhidas as três prioritárias e encaminhadas para o prefeito diretamente ou para o Grupo de Ação Comunitária.

O senhor Caraciollo¹⁰⁷ foi um dos fundadores do Centro Comunitário, participando desde a edificação dos alicerces à construção do estatuto. Na entrevista realizada com ele,

¹⁰⁴ Biblioteca Pública Municipal de Jaguarão. Jornal A Folha. Dia 10 de fevereiro de 1990, p.05.

¹⁰⁵ Biblioteca Pública Municipal de Jaguarão. Jornal A Folha. Dia 10 de março de 1991, p.03.

¹⁰⁶ Sr. Caraciollo. Entrevista.

¹⁰⁷ Idem.

quando pergunto, qual seria o real objetivo que o prefeito teria para mandar construir o Centro, ele relatou que, “[...] ora eu não sei, acho que era pra socorre aquela pobreza toda, ficava mais fácil para eles, eu não me lembro, eu me meti por empolgado que eu tava. Quem organizava era a D. Bereneci, a Carmem Lopez e o Ilço Pinto.”¹⁰⁸

Segundo Cechin (1979) o Conselho Comunitário de Ação de Ação Social, “[...] foi criado para atender pessoas carentes ou encaminhá-las a entidades que a ele mantenham convênios. Visando estudar, planejar, executar e avaliar a assistência social do município de Jaguarão, conjugando esforços para uma ação conjunta, evitando dispersão de recursos”¹⁰⁹.

Como já foi dito, anteriormente, através da análise do livro de atas e dos relatos dos moradores, cheguei a conclusão, que supostamente o Centro Comunitário muda sua antiga forma de atuação. Pois, inicialmente era algo voltado para os moradores, como, a realização de reuniões para discutir problemas do bairro, bailes infantis e pequenas festividades apenas para a comunidade, para a arrecadação de dinheiro para manter o Centro. Depois com o passar do tempo e as trocas de diretorias, este passa a oferecer somente bailes adultos, ou pelo menos, apenas estes estão visíveis nas atas. Na análise das atas do Centro, eles cessam as discussões sobre a comunidade e passam a dialogar apenas sobre a organização dos bailes e quais membros da diretoria ficariam responsáveis por tais funções. Quando me refiro a suposta mudança de sua antiga forma de atuação, não estou querendo dizer que estes bailes não fossem uma maneira de arrecadação para a própria manutenção do Centro, ou que não eram uma forma de organização comunitária, bem como, uma maneira de manter o elo da comunidade. Mas que anteriormente, havia mais a participação e a discussão dos moradores em prol das melhorias para a comunidade e das pequenas festividades e que com os bailes, estas são extinguidas, ou pelo menos, não são evidenciadas nas atas.

Com as realizações de bailes, o número de sócios contribuintes, que já era um número elevado, quase triplica; na ata n^a 42¹¹⁰ eles chegam a conclusão que se deve diminuir as propostas de novos sócios¹¹¹. Não está evidente, mas supostamente, agora pessoas de outros bairros poderiam se associar ao Centro Comunitário da Zona C, durante a entrevista, questioneei para Sr. Caracillo sobre este fato, este afirma acreditar que sim, pois após ele ter entregue a diretoria do Centro, o novo presidente, faz mudanças no estatuto social. Depois de

¹⁰⁸ Conforme as atas do Centro Comunitário, D. Berenice, Carmem Lopez e Ilço Pinto, eram responsáveis pelo Conselho Comunitário.

¹⁰⁹ CECHIN, NOELI SCHILER. *Jaguarão: Ontem e Hoje*. Companhia rio-grandense de artes gráficas, 1979, p. 97,98.

¹¹⁰ Centro Comunitário. Livro único de Atas do Centro Comunitário da Zona C. Ata n^a 42 do ano de 1991, do dia 8 de fevereiro de 1991.

¹¹¹ Em quase todas as reuniões haviam propostas de novos sócios, onde era divulgado uma lista com os nomes dos possíveis novos sócios.

um período, eles retornam a aceitar novas propostas de sócios, conseqüentemente, aumentando o número de bailes e festas. Não se pode deixar de destacar, que provavelmente, o aumento do número de sócios neste espaço, faria com que também sua representatividade crescesse. Vejamos o que os moradores nos narram sobre isto. O Sr. Orocildo¹¹²,

Eu não me lembro da creche, nem da escola, só lembro desse centro daí da frente, que houve uma época que a gente era sócio, se pagava uma mensalidade, mas a gente não se envolvia muito, nunca fui dessas coisas. Mas era péssimo quando ele funcionava, muito juntamento de noite, dava briga, drogado, correria de moto sem silenciador na rua. Final de semana era brabo, os cara se chapavam e não dexavam a gente dormi.

No relato do Sr. Orocildo¹¹³, é visível seu descontentamento com a realização dos bailes, alegando ter criado mais movimento do que o normal, com a circulação de pessoas de outras comunidades ao redor destes, situação essa, que é comum em todos os lugares. Porém, gerava o desconforto de alguns moradores, principalmente aqueles que residem perto do Centro.

D. Santa¹¹⁴ também nos descreve sobre o Centro Comunitário:

Os meus guris ajudaram a construir esse centro da comunidade, meu marido mandava eles ajuda o seu. Caraciollo. Foi coisa do prefeito isso, mas o seu Caraciollo e o seu Pedro quem tomaram conta e fizeram, no início era tão bom, depois inventaram de fazer bailes e fico ruim. Antes era só a comunidade, era tudo unido, uns vizinhos ajudavam o outro pra que melhorasse, se fazia festas só pra nós, fazia reunião pra fala do bairro vinha o prefeito, vinha os vereadores, a D. Berenice, tava sempre na volta participando também. Com os bailes, veio o pessoal de fora, e dava muita briga, os vizinhos, até nós, a gente vivia tudo reclamando e pedindo pra para, até que um dia paro, depois se empresto pro posto de saúde, que o chalé lá tava todo pobre e paro com tudo de vez.

A descrição de D. Santa¹¹⁵ em relação ao Centro, é mais minuciosa, diferente do Sr. Orocildo, sua família se envolveu desde a construção deste. Ela faz um breve relato de como era este antes e depois da suposta mudança de princípios. Em sua narrativa, ela descreve a mobilização dos moradores para a concretização deste, bem como, para que os bailes fossem extinguidos. O desconforto em relação aos bailes e conseqüentemente o aumento do número de pessoas de outras localidades, fica evidenciada em sua fala.

¹¹² S. Orocildo. Diário de Campo.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ D. Santa. Diário de Campo.

¹¹⁵ Idem.

Nas conversas informais, diários de campo e entrevistas realizadas, todas as pessoas mostraram algum desconforto em relação aos bailes realizados pelo Centro Comunitário, talvez nem toda população do bairro pense assim, mas todas que tivemos contato, mostraram-se assim.

A Escola

A Escola Municipal de 1ª Grau Incompleto Dr. Fernando Corrêa Ribas, foi inaugurada no dia 29 de outubro de 1988. Ela chegou no bairro em um convênio entre a prefeitura e os moradores. Em conversa com a Prof.^a Joana¹¹⁶ que atua na escola desde sua fundação, podemos observar que,

Eu acompanho a escola desde outubro de 88, eu me lembro que a primeira escola foi um pedido dos moradores em convênio com a prefeitura. A escola era de chalé, ali onde é o posto de saúde hoje. A escola funcionava com duas turmas de primeira série, uma de manhã e outra de tarde, e de tarde tinha mais duas turmas, uma de segunda e uma terceira e quarta série juntas, era um total de sessenta, setenta alunos. Os alunos moravam nas redondezas da escola, e os pais vinham bastante na escola também. O espaço ali era muito pequeno, e queria se ampliar a escola, mas tinha um problema, como a escola era na praça, se aumentasse a escola, a comunidade iria ficar sem a praça, então houve várias reuniões na comunidade sobre o novo local da escola.¹¹⁷

O relato da professora evidencia a mobilização popular existente no bairro, principalmente quando ela ressalta, que a escola foi um convênio entre a prefeitura e os moradores. Assim como, enquanto ela se refere às diversas reuniões que aconteceram para que a comunidade decidisse o local para a nova escola em alvenaria. Sobre a praça no bairro, a professora recorda que a mesma, foi implementada no bairro pela prefeitura, no ano de 1989. Não se pode deixar de pensar, no reaproveitamento das estruturas existentes no bairro, como foi o caso do Posto de Saúde, onde o mesmo ocorreu posteriormente, quando o chalé estava desabando, realocando este para o prédio do Centro Comunitário, que estava com suas atividades abaladas.

Sobre o prédio ser de madeira, Sr. Caraciollo, conta que, “[...] a escola fomos nós que conseguimos com o Ribas, foi desvinculado um colégio de tábua pra fora, e eu falei pro Ribas que nos desse o colégio, que a gente montava ele. Daí ele disse deixa eu monto, e monto ali

¹¹⁶ Professora Joana Oliveira. Diário de campo, realizado dia 16 de setembro de 2015, às 16:30.

¹¹⁷ A nova escola esta localizada na Rua Rosalino Lopez de Moura, nº 121. Bairro Vencato.

na praça o colégio de tábuas.’’ Nesta fala, fica explícito o protagonismo dos moradores, onde, ao que parece, buscaram informações sobre a escola desvinculada e conversaram com o prefeito, sobre a possibilidade de abertura de uma escola no bairro.



FIGURA 08: Escola Dr. Fernando Corrêa Ribas¹¹⁸
Fonte: Jornal A Folha¹¹⁹

A escola de madeira era pequena e atendia uma pequena parte da população que ali vivia. Com o passar do tempo, a ascensão do bairro, fez com que aumentasse a demanda por esta. Então no ano de 1992, como já foi dito pela Prof.^a Joana¹²⁰ e também podemos acompanhar com o periódico, a comunidade juntamente com a prefeitura, começou a pensar onde seria o novo local da escola. Houveram reuniões para decidir o novo local onde a mesma seria construída. Conforme anúncio no jornal,

Consulta popular na Vila Vencato: uma ampla enquete, onde busca-se opiniões de moradores para saber se a comunidade deseja a construção da Escola Fernando Ribas em alvenaria, no local onde se encontra o prédio de madeira, ou em outro local, sendo que, a troca de local possibilitará o aproveitamento integral do terreno da praça.¹²¹

Após escolhido o local, a construção da nova escola alongou-se por dois anos, e onde posteriormente, passou a se denominar Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Fernando Corrêa Ribas.

¹¹⁸ Imagem da antiga escola de madeira, que depois, foi reutilizada para receber as instalações do posto de saúde no bairro.

¹¹⁹ Biblioteca Pública Municipal de Jaguarão. Jornal A Folha. Dia 25 de outubro de 1991, p.04.

¹²⁰ Prof.^a Joana. Diário de Campo.

¹²¹ Biblioteca Pública Municipal de Jaguarão. Jornal A Folha. Dia 4 de abril de 1992, p.10.



FIGURA 09: E.M.E.F. Dr. Fernando Corrêa Ribas
Fonte: arquivo pessoal

A Prof.^a Joana¹²² narra que, “ [...] Ai em 1994 a escola veio aqui pra Rosalino Lopez de Moura. A escola era algo que queriam muito, tinha bastante expectativa para a melhoria do bairro. Muitos pais que não tiveram estudo, queriam que seus filhos tivessem a oportunidade de ter.” Quando questionei se ela se lembrava da situação financeira dos alunos, ela relata: “[...] Eram pobres sim, mas todos eles compravam ou traziam a merenda de casa, porque naquela época a escola não dava merenda.”

Como se pode perceber, a narrativa de Joana, evidencia a expectativa que a comunidade tinha em ter uma escola no bairro, para o próprio desenvolvimento deste, mas para além disso, um ganho para a comunidade local, que não precisaria mais se deslocar para outros bairros à procura de escola.

¹²² Prof.^a Joana. Diário de Campo.

O Posto de Saúde



FIGURA 10: Posto de saúde Dr. Carlos Olavo Corrêa Chaves
Fonte: arquivo pessoal

O posto de saúde, Dr. Carlos Olavo Corrêa Chaves, foi instalado no bairro Vencato no ano de 1995, depois de vários pedidos dos moradores. Na entrevista com o Sr. Caraciollo, ele conta que fazia tempos que os moradores pediam para a prefeitura implantar o posto de saúde, porém como tinha a Associação dos Trabalhadores bem perto do bairro, que contava com atendimento médico e odontológico, eles diziam ser desnecessário um posto de saúde. Na entrevista não está visível, como estes pedidos eram realizados, porém, supostamente eles eram feitos durante as reuniões do Centro Comunitário e encaminhados à prefeitura através do Conselho Comunitário. Contudo, sempre que podiam, os moradores conversavam com o prefeito, para que atendesse o pedido. Assim, quando o bairro estava em pleno desenvolvimento, a prefeitura anunciou:

Vencato terá posto de saúde. Abertura de um crédito especial que proporcionará a instalação de um Posto de Saúde , com serviços médicos e odontológicos , para atender a enorme população do Bairro Vencato. [...] Agora resta aguardar pelo início da obra que posteriormente ofertará aos moradores do bairro Vencato uma importante conquista social¹²³

Neste anúncio, me chamou a atenção pela ênfase dada pelo jornal, “para atender a enorme população”, evidenciando que em 1994, o bairro já estaria formado com um significativo número de pessoas residindo ali. Após a construção da escola em alvenaria em um outro local, o prédio da antiga escola ficou desocupado. Em uma das atas da Câmara dos Vereadores, há um questionamento, por parte de um vereadores, sobre o local. “O vereador

¹²³ Biblioteca Pública Municipal de Jaguarão. Jornal A Folha. Dia 2 de novembro de 1994, p.03.

Motta [...] pedi informações sobre a antiga escola Fernando Corrêa Ribas, se a mesma esta desativada e quais as previsões para o seu aproveitamento em caso afirmativo.”¹²⁴

Não fica evidente, se a prefeitura conversou com os moradores sobre o possível local de construção do posto de saúde, ou se simplesmente utilizou o espaço da antiga escola, fazendo apenas alguns reparos. O que esta claro é a data de inauguração, em um anúncio no periódico, “ Inaugurou dia 25 de o Posto de Saúde, situado na Praça Osvaldo Vergara que atenderá a comunidade do Bairro Vencato. O Prefeito Municipal manifestou seu contentamento em proporcionar ao Bairro mais um beneficio na área da saúde, deixando a escolha do nome do novo Posto à comunidade.”¹²⁵ . Analisando as atas da Câmara dos Vereadores, me deparei com o anúncio do nome escolhido pela comunidade “O processo nº 158/95 dá nome ao Posto Médico e Odontológico do Bairro Vencato Dr. Carlos Olavo Corrêa Chaves”¹²⁶. Sobre o nome do posto, foi apenas encontrada esta ata, que não fica entendível, como foi realizada esta escolha, se houve uma votação, ou como foi à forma de escolha da comunidade por este.

O posto de saúde permaneceu no mesmo local até o ano de 2006, quando o prédio de madeira estava desabando, sem condições de utilização, e a comunidade para não perder o benefício, concedeu a sede do Centro Comunitário para a instalação deste, até que a prefeitura construísse um novo prédio em alvenaria.

2.2 “Aos poucos foi se formando, o povo foi crendo naquilo, comprando, vendo que tem futuro no lugar”: o protagonismo da comunidade

Quando iniciei minhas investigações sobre o bairro, me deparei com o Centro Comunitário, e nas primeiras visões que tive, ele teria sido criado pela própria, em prol de discussões para movimentações sociais, comunidade sem o incentivo da prefeitura. Como já havia exposto, este seria então, o cerne de minha pesquisa: a mobilização popular dentro do bairro Vencato em torno deste Centro. Ao descobrir, que este teria sido concebido pela prefeitura, minhas indagações mudaram, passei a me perguntar: quem eram as pessoas do bairro Vencato, quais suas ligações com este, o que elas fizeram para ajudar nas melhorias, como eles enxergam o local onde vivem, entre outras inquietações. Ao longo das pesquisas e

¹²⁴ Câmara Municipal de Jaguarão. Atas da Câmara Municipal de Jaguarão. Livro de 1991-1995. Ata nº 1962, dia 17 de abril de 1995.p. 177.

¹²⁵ Biblioteca Pública Municipal de Jaguarão. Jornal A Folha. Dia 29 de julho de 1995, p.09.

¹²⁶ Câmara Municipal de Jaguarão. Atas da Câmara Municipal de Jaguarão. Livro de 1991-1995. Ata nº 2005, dia 18 de dezembro de 1995.p. 252.

das conversas, notei, que a narrativa da população do bairro, se representava, como uma comunidade unida e sempre que preciso se mobilizava em razão de melhorias para este, ou pelo menos em um passado o fez. E neste subcapítulo, algumas respostas são dadas, outras não, mas o que realmente importa nesse desfecho, é dar visibilidade ao bairro sob o olhar de quem mora ali, de quem colaborou para que este crescesse, e que acompanhou o desenvolvimento deste. É contar a história do bairro sob a perspectiva dos próprios moradores.

Acredito, que mesmo tendo sido iniciativa da prefeitura, o Centro Comunitário da Zona C, mobilizou os moradores, e em meio às reuniões, fez com que eles repensassem o espaço onde residiam, e se movimentassem em prol das melhorias para o bairro. Ou nas realizações dos bailes, quando também mobilizava a comunidade, em outra forma de sociabilidade. Ou até antes mesmo de haver o Centro, já havia a união dos primeiros moradores que tiveram de se mobilizar para que tivessem água e luz no bairro

O senhor Orocildo¹²⁷, relembra que,

No início do bairro, se fazia muito abaixo assinado, depois sempre se fazia igual, porque quanto mais melhoria pra nós melhor né, então sempre tinha aquele pessoal que fazia e trazia pra gente assina, não só eu, mas todo vizinhança assina, se é pra melhor. Mas eu acho que antes o pessoal daqui era mais unido pro bairro, hoje existe poca união pressas coisas.

E não foi apenas no relato deste senhor que aparecem os abaixo assinados realizados pelos moradores do bairro: todos os depoimentos, contam sobre estes. Além destes, sempre é citado o Centro Comunitário, seja pelas reuniões para discutir sobre o bairro, seja lembrando algumas festas ou até mesmo queixando-se dos tempos de bailes. Acredito, que quando este senhor se refere que “hoje existe poca união pressas coisas”, há de se levar em consideração, que os contextos mudaram, atualmente o bairro conta, dentro do possível, com uma boa infraestrutura, sendo assim, as reivindicações por melhorias, são mais escassas. Em suas narrativas, os moradores sempre fazem alusão ao Sr. Vencato, e ao prefeito Fernando Ribas, ambos, constantemente sendo lembrados, no imaginário dos moradores como pessoas boas, que auxiliaram para que o bairro prosperasse. A comunidade geralmente mencionava um ato de um ou outro, ou de ambos, em relação a assistência que haviam prestado ao bairro e aos moradores. Constatei que estes, estão marcados na memória coletiva da comunidade. Sobre as memórias coletivas Meihy e Holanda, “[...] a perspectiva de Halbwachs, preza a formação da memória comunitária construída mais por afinidades

¹²⁷ S. Orocildo. Diário de Campo.

afetivas, por trajetórias repartidas em cumplicidade que envolve a todos do que propriamente nas alterações ou parcelas não representativas do coletivo.”¹²⁸

Segundo Halbwachs, “[...] a memória coletiva é marcada pela afinidade repetida de vivência comunitária de alguns dramas, é na incidência dos problemas e na busca de soluções que se evidencia o efeito da experiência comunitária.”¹²⁹ Para além do mais, a memória coletiva do bairro, está marcada pelas reivindicações sociais, onde “a memória se constitui assim em um artifício político-social para marcar os elementos identitários de uma comunidade.”¹³⁰ Assim, a identidade do bairro, é caracterizada, entre outros elementos, pela mobilização social da comunidade em prol de um lugar melhor para todos.

Sob minha perspectiva, em seu tempo de existência o espaço físico do Centro Comunitário foi bem explorado pelos moradores. Se tornando, um espaço físico social, permeado de histórias, além do mais, através da análise das atas e dos relatos da comunidade, era um espaço, onde ainda se mantinham as práticas de políticas clientelistas, pelos prefeitos. Segundo Ansaldi (2002) “la ocupacion social del espacio también hace referencia a las formas que se articulan, en ese espacio, testimonios de memoria y olvido”¹³¹, memórias individuais e coletivas, tão presentes nas narrativas dos moradores, bem como, possíveis esquecimentos. Para este mesmo autor, “los contenidos de la memoria son sociales, pero también lo son individuales, pues cada uno de nosotros conoce las formas mediante las cuales memora, conmemora, y olvida momentos, situaciones, episodios de nuestra respectiva historia personal”¹³². Isso fica evidente, à medida que, um mesmo elemento aparece nos relatos dos moradores, porém com olhares diferentes, evidenciando que cada um, tem seu modo de interpretação sobre o mesmo fato. Conforme Pollak (1989),

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos se das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas. Aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc¹³³.

¹²⁸ HALBWACHS apud MEIHY & HOLANDA, 2010, pg. 52.

¹²⁹ Ibid. p.51.

¹³⁰ Ibid. p.51.

¹³¹ ANSALDI, Waldo. *La memoria, el olvido y el poder*. In: Cidade e memória na globalização. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2002. p.50.

¹³² Idem p.31.

¹³³ POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 9.

Através da análise das atas do Centro Comunitário Zona C, fica evidenciada a ligação e o envolvimento dos moradores para com estes. Nestas, aparecem casos como listagem dos problemas mais necessários de serem resolvidos para ser entregue ao prefeito, bem como, problemas de iluminação e calçamento de ruas. São citadas também, as diversas doações de moradores para a construção e manutenção deste. Há um caso onde o Centro, ajuda com uma quantia em dinheiro, no tratamento de um morador da comunidade. Há vários fatos, onde o Centro empresta sua sede para realização de festas, bingos, entre outros, para o beneficiamento de pessoas em tratamento que necessitam de dinheiro, assim como para que a escola e a igreja, angariassem fundos. Tive acesso também, à lista de presença das reuniões, a partir destas, constatei que regularmente de quinze a vinte pessoas participavam das reuniões quinzenais, havendo um caso em específico, onde duzentas e vinte e seis pessoas participaram da reunião para escolha da nova diretoria administrativa.

Para além do Centro Comunitário, outra forma de união dos moradores, era em prol dos dois grupos carnavalescos, os Dragões do Mé e a Escola de Samba Bandeira Branca. D. Santa¹³⁴, relembra que, “ [...] a gente teve também um bloco de carnaval, os Dragões do Mé, vinha gente de tudo que é lugar, mas mais era daqui da volta, o pessoal era unido, era mais pro pessoal brinca, eu não me lembro o ano também, mas durou uns cinco anos”.

O Sr. José Adolfo¹³⁵ recorda que além do bloco carnavalesco, “ a gente tinha pra brincar, o bloco de carnaval (Dragões do Mé) que foi até o ano de 2007 mais ou menos, vinha gente de todos lugares, mas mais era daqui mesmo, o pessoal ajudava bastante, tava sempre na volta”.

Sobre a Sociedade Recreativa Bandeira Branca, foi uma escola de samba, criada pelo senhor Dinei, que segundo relatos informais¹³⁶, foi criada para a alegria do povo da Vencato, onde os ensaios eram realizados na praça do bairro. Esta manteve suas atividades por um curto período de tempo, em torno de dois ou três anos. Durante o ano, realizava atividades para angariar fundos para a mesma, bem como, auxiliar outras entidades, como por exemplo, neste anúncio do jornal: “[...] “1ª Festival de Interpretes da Musica Regionalista”, sob coordenação da Diretoria da Sociedade Recreativa Bandeira Branca, para os dias 8 e 9 de junho no Teatro Esperança [...] Parte da renda será destinada ao Corpo de Bombeiros de nossa

¹³⁴ D. Santa. Diário de Campo.

¹³⁵ Sr. José Adolfo Pereira. Diário de campo dia 29 de setembro de 2015.

¹³⁶ Fomos atrás de moradores que pudessem nos relatar detalhadamente sobre esta, porém, não obtivemos muitas informações.

cidade [...].¹³⁷ No período do carnaval, esta concorria juntamente com outras escolas de samba, como a Estrela D'alva e a Palestina.

O loteamento do Sr. Vencato, muito mais do que um bairro, se tornou um território marcado pela luta dos moradores em prol de um local melhor para a comunidade. Para Silva (2014), “O território é reflexo, basicamente, de toda produção advinda das relações entre as pessoas, bem como das relações que elas estabelecem com o espaço.”¹³⁸ Sendo assim, ainda conforme esta autora, “A concepção de territorialidade está ligada a ordens de subjetivação em relação ao espaço, envolvendo condutas, representações e sentimentos de pertencimento expressos individual e coletivos.”¹³⁹ Ou seja, as territorialidades, o sentir-se pertencente a aquele espaço, presentes nos relatos, ressaltam que os moradores sentem-se contentes por ver que o bairro prosperou com o auxílio destes. Estas territorialidades não nascem de uma ora para outra, elas são construídas com o tempo, por diferentes agentes sociais. Segundo Lima (2003), “[...] há que se buscar a territorialidade pela observação do que os indivíduos vivem cotidianamente nas suas relações de trabalho, de família, de lazer, ou, dito de outra forma, buscar identificar o que constitui a territorialidade, o lugar onde ela se dá, e os rumos que implica.”¹⁴⁰ Conforme Souza e Pendon (2007), Souza, assim como Raffestin, analisa o território como uma ocupação e não como produção do espaço. “Reconhece o território como espaço de relações de poder, mas também é palco das ligações afetivas e de identidade entre um grupo social e seu espaço.”¹⁴¹ Nesse sentido ainda há de se pensar, em relação, a concepção de bairro que percebi, ao longo desta pesquisa, através do diálogo com os moradores pude constatar a ligação destes para com seu território. Para Silva (2014), conforme Antônio Souza “[...] além de um determinado território, o bairro se caracteriza por um segundo elemento, “o sentido de localidade”, existente nos seus moradores, e cuja formação não depende apenas da posição geográfica, mas também do intercâmbio entre as famílias e as pessoas [...].”¹⁴² Ainda em meio as concepções de bairro, Flach (2013) considera “[...] o bairro como uma construção simbólica, uma narrativa concretizada pela

¹³⁷ Biblioteca Pública Municipal de Jaguarão. Jornal A Folha. Dia 18 de junho de 1988, p.02.

¹³⁸ SILVA, Michelle Nascimento Da. *Percepção de valor dos usuários sobre o território: estudo de caso no Bairro Cidade Baixa em Porto Alegre - RS*. 2014.p. 26.

¹³⁹ Ibid. p. 26.

¹⁴⁰ LIMA, Verônica Maria Fernandes. *Nazaré: um bairro construído pelo moradores. Em busca do entendimento da produção do espaço através do processo de formação de territorialidades e identidades urbanas*. X Encontro Nacional Anpur, 2003, p.03.

¹⁴¹ SOUZA, Edevaldo Aparecido; PEDON, Nelson Rodrigo. *Território e Identidade*, 2007, p.131.

¹⁴² ANTÔNIO SOUZA apud SILVA.2014, p.29.

memória que engloba experiências pessoais e coletivas.”¹⁴³ Através da narrativa dos moradores, considero estas concepções de bairro, associadas ao pensamento que a comunidade me evidenciou em suas narrativas.

Ao longo dos relatos, percebe-se que a territorialidade se faz presente na forma de pensar o bairro, bem como, nas lembranças pelos diferentes movimentos de luta da comunidade por um lugar melhor. Segundo Barreira (2007) “Os movimentos sociais foram os principais protagonistas das demandas por cidadania, contribuindo para a politização das carências urbanas, transformadas em reivindicações geralmente dirigidas ao Estado”.¹⁴⁴ No caso do bairro Vencato, os moradores evidenciaram-se protagonistas da história deste, reivindicando suas demandas sociais e as encaminhando, neste caso, para a prefeitura.

Entende-se que esta territorialidade, não está presente em todos os moradores do bairro, estando mais ligada a aqueles que são do loteamento do Vencato, fora deste, não são todos moradores que sentem pertencidos a este espaço. Pois, como já foi dito no primeiro capítulo, hoje em dia, o bairro é formado por vários outros pequenos loteamentos e espaços que já eram ocupados antes do loteamento. Durante a realização do trabalho de campo, tive o contato com diferentes pessoas, onde algumas destas, moradoras que já residiam na localidade antes do loteamento. Então estas pessoas de fora do loteamento, não se enxergam como pertencentes ao bairro, e sim às nomenclaturas dos antigos locais. Como por exemplo, D. Paulina¹⁴⁵, moradora da rua atual Carlos Barbosa, antiga rua do Cordão, que afirma não se sentir pertencente ao bairro, mas sim a antiga rua do Cordão, local onde nasceu e viveu toda sua vida. Da mesma forma, tive algumas conversas informais com alguns antigos moradores da Rua Odilo Gonçalves Marques¹⁴⁶, que também afirmam não se sentirem pertencentes ao bairro, pois nasceram e foram criados naquela localidade, antes do loteamento e, porém, mesmo com a nova delimitação da prefeitura, acreditam que o bairro Vencato seja apenas a área do loteamento. Contudo, não podemos deixar de falar, nos moradores que não residem propriamente no loteamento, mas que também, se sentem pertencidos a este território, pois ajudaram para a construção deste. Como é o caso do Sr. Quincas, da D. Tatí, que mesmo não residindo diretamente no loteamento, se sentem pertencidos a este território, um espaço, cujos quais acompanharam e contribuíram, sempre que necessário para o desenvolvimento deste.

¹⁴³ FLACH, Alessandra Bittencourt. *Vozes da memória: o contador de histórias em narrativas orais urbanas*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Tese (Doutorado). p.58.

¹⁴⁴ BARREIRA apud Barreira, 1992; Scherer-Warren, 1993; Gohn, 1995, 2007, p.165.

¹⁴⁵ D. Paulina. Entrevista.

¹⁴⁶ Rua localizada no Bairro Vencato, porém mais antiga do que o loteamento.

Ao longo da pesquisa de campo, sempre questionei aos moradores, sobre os elementos estruturais do bairro e antes do término das conversas, solicitava para que os moradores caracterizassem o bairro, levando em consideração, do princípio deste até a chegada do posto de saúde. Na grande maioria dos relatos, apareceram aspectos, evidenciando que o bairro teria mudado e muito. Que anteriormente, não havia nada e que atualmente no bairro tem tudo, que hoje o bairro está bem estruturado, que ainda há algumas mudanças para serem realizados, porém, que comparando com o princípio este está muito modificado. Dentro de todos os relatos, o do Sr. Quincas¹⁴⁷ me chamou atenção, pois, além de narrar sobre este, ele destacou, em sua visão, o papel da comunidade, para este crescimento,

Aos poucos foi se formando, o povo foi crendo naquilo, comprando vendo que tem futuro no lugar. Através dos líderes era que a população pedia as melhorias. A escola mesmo, ajudo muita gente no estudo. [...] O que melhora o bairro foi as pessoas, que iam atrás de melhorias, as pessoas tinham vontade de ver o bairro crescer, não só o Vencato, mas todos os bairros. Eu sô morador da Vencato, ajudei na época que tinha união, hoje é tudo muito diferente.. Acho bom fica gravado a história dos bairros, deveria se tombado, mostrar quem ajudo, mostra a essência..

Na narrativa deste senhor, ele salienta o papel dos líderes comunitários, onde provavelmente estes e a comunidade deveriam se reunir para discutir e encaminhar possíveis melhorias para o bairro, que tão pouco apareceram durante os relatos dos outros moradores. Neste subcapítulo, busquei, através da narrativa dos moradores, demonstrar, que no final das contas, mesmo o Centro Comunitário, não tendo sido uma iniciativa própria da comunidade, estes se mobilizavam de outras formas. Procurei, a partir dos relatos dos moradores, caracterizar alguns elementos, que compusessem a memória coletiva deste bairro, e conforme a perspectiva destes, a história do loteamento e formação do Vencato, é marcada pela união, pela luta dos moradores para que este ascendesse.

¹⁴⁷ Sr. Quincas. Diário de campo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com esta pesquisa, como me propus no princípio, visei construir e registrar a história do bairro Vencato, desde os processos do loteamento, até a implementação da última infraestrutura no bairro. Sempre procurando evidenciar o relato dos moradores, que se constituiu como o cerne deste TCC, enfatizando alguns elementos que compõe a memória coletiva do bairro.

No primeiro capítulo me dediquei a explicar de forma sucinta sobre o contexto expansionista da cidade de Jaguarão, e a equiparar com o registro da história de um outro bairro do município, bem como, explorei brevemente o território onde esta localizado atualmente o bairro Vencato.

Já no segundo capítulo, abordei desde o princípio do loteamento, perpassando pela conquista de cada infraestrutura, até chegar ao ano de 1995, ressaltando a importância da narrativa dos moradores como atores sociais de sua própria história. Segundo Pollack, na tradição metodológica durkheimiana, os fatos sociais, são “[...] pontos de referência como indicadores empíricos da memória coletiva de um determinado grupo.”¹⁴⁸ Sendo assim, ao longo deste trabalho, os relatos orais individuais, sobre os fatos ocorridos neste, formaram evidentes elementos, que compõe uma memória coletiva da comunidade do bairro Vencato.

Trabalhar com a História Oral, foi uma das melhores escolhas, que poderia ter feito para esta pesquisa, assim como, ter me designado a construir e registrar a história do bairro, me trouxeram diversas alegrias. Mal sabia, o quão fascinante era, trabalhar com oralidades, por mais difícil que tenham sido os primeiros passos. Mesmo não tendo alcançado meus objetivos iniciais, hoje me sinto satisfeita por ter contribuído aos moradores, a construir esta narrativa, sinto-me uma mera interlocutora desta história.

Por mais modesta que tenha sido a escolha de pontuar a maneira como as infraestruturas chegam ao bairro, acredito que realizar estas sob o olhar dos moradores, trazendo à tona suas lembranças, deu um nova visão para este trabalho. Conforme Alberti (2010) “ A riqueza da História oral está evidentemente relacionada ao fato de ela permitir o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos sociais. Nesse sentido, o

¹⁴⁸ POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3.

pesquisador tem acesso a uma multiplicidade de “histórias dentro da história.”¹⁴⁹ O que me foi mais atraente durante esta pesquisa, foi que desde o início, pude provar, de que tudo poderia mudar conforme um relato, assim novos elementos surgiram, dos quais eu não havia cogitado, estes eclodiram para enriquecer a história do bairro. Além, do mais, mesmo que não constando ao que me propus inicialmente, estes o complementaram, a antiga rua do cordão, deu subsídios para um novo olhar sob o bairro, lembrando e demarcando o antigo território negro, assim como as religiões de matrizes afro, que provavelmente tiveram seu surgimento nesta região, e que estavam invisibilizadas por alguns moradores do bairro Vencato.

Durante o desenvolvimento deste trabalho, percebi que o bairro Vencato, vem sendo permeado por diferentes facetas, que antecedem o próprio loteamento. Antes mesmo de a Chácara do Galo ser adquirida pelo Sr. Frederico, o território onde hoje é o bairro, como já foi exposto no primeiro capítulo, por volta do final do século XIX e início do XX, essa região, foi marcada por ser território negro, conforme Nunes (2010) esta era o “berço da negritude jaguareense.”¹⁵⁰ Posteriormente, uma região que ficou conhecida pelo grande número de cabarés nela existentes, se tornando uma zona periférica, conhecida como Baixada em consequência dos diversos cabarés existentes na região, e as diferentes confusões que se davam em torno destes. Com o passar do tempo, o surgimento do loteamento passou a dar uma nova faceta a aquela região, a de que possivelmente aquele espaço se desenvolveria, com isso, o poder público, provavelmente pressionado pelos moradores, passou a investir nesta localidade.

Todas as descrições narradas nesta pesquisa nasceram da memória dos fundadores do bairro, aqueles que lutaram para o desenvolvimento deste, possivelmente, este constatam que ainda há muito o que se fazer pelo bairro, porém, equiparando a atualidade com o princípio, muitas melhorias foram conquistadas. Segundo Bosi, “Uma lembrança é um diamante bruto que precisa ser lapidado pelo espírito [...] O sentimento também precisa acompanhá-la para que ela não seja uma repetição do estado antigo, mas uma reparação.”¹⁵¹ A história do bairro Vencato, sempre esteve e sempre estará viva na mente desses velhos moradores, que construíram o espaço onde vivem. O ponto alto de analisar o surgimento deste bairro, sob o olhar dos moradores, é ter a concepção de que ali não existia nada além dos terrenos, em meio a um campo aberto, onde tudo teve de ser conquistado pela comunidade.

¹⁴⁹ ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla. (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010. p. 166.

¹⁵⁰ NUNES, Juliana dos Santos. “Somos o Suco do Carnaval!” *A marchinha Carnavalesca e o Cordão do Clube Social 24 de Agosto*. Pelotas: UFPel, 2010, pg.31.

¹⁵¹ BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembrança dos velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p.81.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. *Histórias dentro da História*. In: PINSKY, Carla. (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2010. p. 155-202.

ALBERTI, Verena. *Manual de História Oral*. 3ª ed. Rio de Janeiro: ed. FGV, 2005.

ANSALDI, Waldo. *La memória, el olvido y el poder*. In: Cidade e memória na globalização. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura, 2002. p. 27-56.

BARREIRA, Irllys Alencar F. *Usos da cidade: conflitos simbólicos em torno da memória e imagem de um bairro*. *Análise Social*, vol. XLII (182), 2007, 163-180.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: Lembrança dos velhos*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. p. 71-92.

CASTRO, Hebe. *História Social*. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Campus, 1997. p. 41-54.

Censo Demográfico, dados do IBGE. Disponível em: www.portalmunicipal.org.br/entidades/famurs/demografia/mu_dem_pop_urbana.asp?IdEnt=5523&iLdMund=100143207 > Acessado em 10 de novembro de 2015, às 14:18.

CECHIN, Noeli Schiller. *Jaguarão: Ontem e Hoje*. Companhia rio-grandense de artes gráficas, 1979.

FLACH, Alessandra Bittencourt. *Vozes da memória: o contador de histórias em narrativas orais urbanas*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2013. Tese (Doutorado).

FREIRE, Eduardo Duarte, etall. *Lomba do Pinheiro (Memória dos Bairros)*. Porto Alegre: Unidade Editorial da Secretaria Municipal da Cultura de Porto Alegre, 2000.

LIMA, Verônica Maria Fernandes. *Nazaré: um bairro construído pelos moradores. Em busca do entendimento da produção do espaço através do processo de formação de territorialidades e identidades urbanas*. X Encontro Nacional Anpur, 2003.

MARTINS, Roberto Duarte. *A ocupação do espaço na fronteira Brasil-Uruguay: a construção da cidade de Jaguarão*. Barcelona: Universidade Politècnica de Catalunya, 2001. Tese (Doutorado).

MEIHY, José Carlos Sebe B. e HOLANDA, Fabíola. *História Oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: ed. Contexto, 2010.

NUNES, Juliana dos Santos. *“Somos o Suco do Carnaval!” A marchinha Carnavalesca e o Cordão do Clube Social 24 de Agosto*. Pelotas: UFPel, 2010 (Monografia de conclusão de curso de Licenciatura em História).

RECHENBERG, Fernanda. *"Vamo falá do nosso Lami" : estudo antropológico sobre memória coletiva, cotidiano e meio ambiente no bairro Lami*, Porto Alegre. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2007. Tese (Mestrado).

ROSA, Alzemiرو Gonçalves. *A voz popular: O Cerro da Pólvora nas décadas de 1960-1970 em Jaguarão-RS*. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de História-Licenciatura na Universidade Federal do Pampa. Jaguarão, 2015.

SILVA, Michelle Nascimento Da. *Percepção de valor dos usuários sobre o território: estudo de caso no Bairro Cidade Baixa em Porto Alegre -RS*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2014. Tese (Mestrado).

SOARES, Eduardo Alvares de Souza. FRANCO. Sérgio da Costa. *Olhares sobre Jaguarão*. Porto Alegre: Evangraf, 2010.

SOUZA, Edevaldo Aparecido; PEDON, Nelson Rodrigo. *Território e Identidade*. Revista Eletrônica da Associação dos Geógrafos Brasileiros – Seção Três Lagoas MS, V 1 – n.º6 - ano 4, Novembro de 2007.

POLLAK, Michael. *Memória, Esquecimento, Silêncio*. In: Estudos Históricos. Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.